Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Isabella Borges Gonzaga

Infraestruturas de Pertença: (Re)naturalização da Costa Marítima de Esmoriz

junho de 2026

Infraestruturas de Pertença:
(Re)naturalização da Costa Marítima de Esmoriz
Isabella Borges Gonzaga
UMinho | 2026



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Isabella Borges Gonzaga

Infraestruturas de Pertença: (Re)naturalização da costa marítima de Esmoriz

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Alexandra Santos Silva Carlos

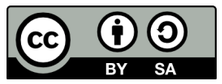
junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição

CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, por me ter acompanhado e apoiado em todos os momentos desta longa jornada.

Agradeço à minha dinda, por estar sempre ao meu lado.

Aos meus amigos, que estiveram sempre presentes nos momentos importantes, mesmo que estivessem a quilómetros de distância. Para me ouvirem a queixar-me do curso ou a partilhar factos arquitetónicos aleatórios.

E, por fim, agradeço ao comité (Laura, Rui, Isa, Dani, Canossa, Juli e Guida). Sem vocês, estes cinco anos não teriam sido os mesmos e, nem de longe tão felizes.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

RESUMO

Infraestruturas de Pertença: (re)naturalização da Costa Marítima de Esmoriz

O presente trabalho de projeto propõe-se intervir no território costeiro do bairro piscatório da freguesia de Esmoriz, através da renaturalização da costa marítima, fundamentando-se no tema do decrescimento e nas infraestruturas de pertença. O trabalho busca dar resposta aos constantes problemas do bairro devido à sua proximidade com o mar, na medida em que a problemática da erosão costeira e constante subida do nível do mar é uma realidade que não pode ser ignorada na costa portuguesa.

Num primeiro momento, busca-se analisar o desenvolvimento territorial e histórico do lugar para compreender uma série de dinâmicas sociais que nos levam a ler o espaço de acordo com as lógicas de vivência da comunidade e a perceber a forte ligação ao mar e aos problemas gerados por esta proximidade.

Num segundo momento desenvolve-se a proposta de intervenção para o lugar focando-se, sensivelmente, na necessidade de realocação da população mais vulnerável do bairro, e no que se faz com o espaço intersticial e temporário, quando este é de grande importância para a comunidade no qual se insere. Ao se entender a costa como um ambiente transitório, entre o que é atualmente e o que virá a ser após a ocupação do mar, são estabelecidas infraestruturas que visam o fortalecimento da comunidade e o seu senso de pertença até à total desocupação da mesma.

Tal é feito através da transformação das construções pré-existentes em sistemas potencializadores do espaço, tanto em prol do bairro quanto do ecossistema dunar e marítimo. A partir do reuso do entulho gerado pela proposta, são desenvolvidos meios de integração no projeto, de modo a contribuir para a renaturalização do cordão dunar.

A arquitetura surge aqui como um elemento conector entre o bairro e o território. Para fazer a transição entre a memória de um passado que já não volta, mas que é lembrado com muito carinho, para uma realidade um pouco mais distante do mar e dos seus desafios.

Palavras-chave: Decrescimento, Bairro Piscatório, Erosão costeira, Infraestruturas, pertença

ABSTRACT

Belonging Infrastructure: (Re)naturalisation of the Esmoriz Coastline

The current project work proposes to intervene in the coastal territory of the fishing quarter in the parish of Esmoriz, through the renaturalization of the maritime coast, grounded in the themes of degrowth and infrastructures of belonging. The work seeks to address the constant problems the neighborhood faces due to its proximity to the sea, as the issue of coastal erosion and constant sea-level rise is a reality that cannot be ignored along the Portuguese coast.

In the first moment, it analyzes the territorial and historical development of the place to understand a series of social dynamics that lead us to read the space according to the community's living patterns. It also aims to perceive its strong connection to the sea and the problems generated by this proximity.

Subsequently, in the second part, an intervention proposal for the site is developed, which sensitively addresses the need for the relocation of the most vulnerable population of the district and considers the future of an interstitial and temporary space that is of great importance to its community. By understanding the coast as a transitional environment, between what it is now and what it will become after the sea occupies it, infrastructures are established to strengthen the community and its sense of belonging until its total evacuation.

This is achieved by transforming pre-existing constructions into systems that enhance the space, benefiting both the neighborhood and the dune and maritime ecosystems. Based on the reuse of rubble generated by the proposal, methods are developed to integrate it into the project to contribute to the renaturalization of the dune system.

Architecture emerges here as a connecting element between the neighborhood and the territory. It serves to bridge the transition from the memory of a past that will not return, yet is remembered with great affection, to a reality somewhat more distant from the sea and its challenges.

keywords: Degrowth, fishing quarter, costal erosion, infrastructure, belonging

ÍNDICE

Agradecimentos III

Resumo V

Abstract VII

Introdução 1

Esmoriz
- O lugar 6
- O bairro piscatório 12
- O solo 28
- A costa Marítima 38

Infraestruturas de pertença 56
- 1 parte – À atitude cotidiana 64
  - Apoio à pesca 66
  - Apoio à comunidade 72
- 2 parte – renaturalização do cordão dunar 74
  - Muros 75
  - Dunas 84
  - O desmonte da estrutura de proteção 84

Considerações Finais 91

2050 94

Bibliografia

Referencias de figuras

Anexo

ÍNDICE DE FIGURAS

F01| Esmoriz

F02| Esmoriz. A história da Freguesia

F03| A capela da Praia

F04| Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção

F05| A Margem

F06| O bairro

F07| Suposição. Localização do Bairro ao longo dos anos

F08| Capela de nosso senhor dos aflitos com a capela da praia ao fundo

F09| Palheiros no areal esmorizense, 1938

F10| Três palheiros na praia de Esmoriz

F11| Esmoriz em 1970

F12| "Palheiros mandados construir pelas autoridades marítimas, 1942"

F13| Antiga capela de Esmoriz

F14| Esmoriz, verão de 1907

F15| Esmoriz, 1958

F16| A arte xávega e o palheiro, 1958

F17| Alçado atual da primeira faixa do bairro

F18| Análise: parcelar

F19| Análise: anexos

F20| Análise: tipológica

F21| Análise: construção em tijolo cerâmico e bloco de betão

F22| Análise: construção singular

F23| Análise: materias construtivos cobertura

F24| O solo

F25| Análise: permeabilidade

F26| Análise: impermeabilidade

F27| Representação da área em análise a partir das cartas geolóogicas 13A e 13C

F28| Formação do cordão dunar

F29| Alçado Dunar atual

F30| Movimentação Dunar

F31| Gráfico da vegetação existente

F32| A costa marítima

F33| Alçado parcial do esporão visto da praia

F34| A problemática da costa

F35| Planta de usos

F36| Os usos da costa

F37| A evolução da linha de costa e estruturas de proteção

F38| A estrutura de proteção

F39| Zonas com risco de inundação: PDM de Ovar

F40| Zona de salvaguarda

F41| Previsão de subida do nível do mar 2050

F42| Aplicações feitas no esporão

F43| Pertença

F44| Edifícios importantes

F45| Planta exemplificativa da estratégia

F46| Corte AA', exemplificativo da estratégia

F47| Atividade piscatória

F48| Alçado armazém Sr.Vitor

F49| Corte BB', armazém Sr.Vitor

F50| Planta armazém Sr.Vitor

F51| Corte CC', apoios de pesca

F52| Planta apoios de pesca

F56| Alçado proposta apoios de pesca

F54| Corte DD', proposta apoios de pesca

F55| Planta proposta apoios de pesca

F56| Pormenor construtivo tipo para o novo armazém

F57| Alçado ponto de apoio à comunidade

F58| Cortes EE', ponto de apoio à comunidade

F59| Planta ponto de apoio à comunidade

F60| Renaturalização do cordão dunar

F61| Esquema Muros

F62| Esquema reuso

F63| Gráfico da nova vegetação

F64| Planta geral da renaturalização dunar

F65| Planta da vegetação dunar

F66| Corte FF': vegetação

F67| Esquema desenvolvimento dunar

F68| Esquema tratamento dunar

F69| Pormenor construtivo das paliçadas de madeira de pinho nacional

F70| Esquema de utilização do Pinho

F71| Planta geral do percurso

F72| Planta do ponto de acesso à praia

F73| Pormenor construtivo do percurso elevado

F74| Corte GG'

F75| Corte HH'

F76| Alçado final da proposta

F77| Planta especulativa. Esmoriz, 2050

Introdução

O presente trabalho de projeto teve como ponto de partida a sala de aula. No âmbito disciplinar da unidade curricular de atelier integrado, foi-nos pedido, enquanto grupos, o desenvolvimento de um tema tendo como base a perspetiva do decrescimento.

O movimento do decrescimento surge nos finais do século XX enquanto oposição ao paradigma político–económico que prioriza o crescimento sem medir as suas consequências, promovido pelo sistema capitalista e neoliberal, como única maneira de assegurar o desenvolvimento de uma sociedade. Esta mentalidade tem-se mostrado cada vez mais insustentável tanto a nível social quanto ambiental, constituindo os eventos e catástrofes climáticas dos últimos anos prova de como a acumulação de riquezas, a mercantilização, o desperdício e a poluição promovidos por este sistema civilizacional têm consequências negativas. Num mundo onde esgotamos todos os anos, e cada vez mais cedo, os recursos naturais estipulados, o decrescimento defende que, do mesmo modo que a natureza regenera-se sem precisar de novos recursos, o nosso progresso enquanto civilização não deveria depender unicamente da extração de matérias-primas e processos não renováveis. Devemos parar de produzir em massa e buscar novas formas de trabalhar com tudo o que já introduzimos no planeta para, de alguma forma, minimizar os efeitos catastróficos que temos presenciado nos últimos anos.

A partir do conhecimento adquirido e pesquisas paralelas, apercebemo-nos da existência de comunidades que encontram maneiras de viver à margem da sociedade e de desenvolver sistemas de subsistência independentes do modelo prevalecente. Muitas vezes, esta procura resulta da necessidade de sobreviver dentro de um paradigma opressor. Em outros casos, porém, há grupos que adotaram lógicas provenientes de tempos antigos e as adaptaram à vida contemporânea. Tendo isto consideração, pareceu-nos importante analisar e trabalhar estas comunidades, de forma a fortalecer as suas autonomias e aprender com o seu modo de vida.

O objetivo deste projeto foi, a partir da perspetiva do decrescimento, analisar uma comunidade, neste caso a do bairro piscatório de Esmoriz, para entender o que as tornava autónomas e como poderíamos contribuir para melhorar e fortalecer o seu estilo de vida. No decorrer da investigação, ficou-nos evidente que o facto da comunidade viver à margem, atualmente já não decorria de uma escolha de autonomia, mas da inexistência de oportunidades de procura por um caminho diferente. Nesse sentido, talvez nunca tenha sido uma escolha.

A subsistência que outrora dependia do mar e a da Arte Xávega, hoje é insustentável, facto que obrigou a população a procurar alternativas, como o trabalho na indústria. Apesar da mudança de rota, a jornada diária dos moradores do bairro não parece ter sofrido alterações significativas. Entre a população mais antiga, os homens continuam a cumprir longas jornadas fora de casa, enquanto as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico.

Através de sucessivas visitas ao local e da aplicação de diversos métodos de análise, incluindo visitas ou através de meios digitais, foi possível estabelecer uma série de lógicas de vivência muito particulares do bairro, profundamente ligadas à sua forte relação com o mar e o passado piscatório. Tais lógicas serviram de base de trabalho e definição do tema desta tese, visto que a extensão de costa, de grande importância para os moradores, constitui atualmente uma zona intersticial entre o bairro e a praia, sem grande aproveitamento.

A estrutura deste trabalho reflete a forma como a investigação do mesmo foi abordada e desenvolve-se em três capítulos principais: Esmoriz, as infraestruturas de pertença e as considerações finais.

No primeiro momento, Esmoriz, é localizado o lugar a ser intervencionado a partir de uma análise histórica e territorial que nos leva, desde a grande escala, a freguesia, até ao entendimento da vegetação dunar, de modo a compreendermos as diferentes dinâmicas que formam o espaço. São explicados cada tópico que forma o todo da zona intervencionada (o lugar, o bairro piscatório, o solo e a costa marítima) separadamente, para que se poder entendê-los como sistemas únicos, mas que só funcionam relacionados entre si.

No capítulo seguinte, as infraestruturas de pertença, são apresentadas a estratégia e os pontos que consistem na concretização da proposta de projeto. As infraestruturas de pertença são entendidas como elementos de suporte e fortalecimento da comunidade, na sequência da desocupação da primeira faixa costeira do bairro piscatório. Neste sentido, as construções pré-existentes são utilizadas como base para o desenvolvimento dos pontos de apoio tanto à atividade piscatória como à comunidade. A partir das construções, são igualmente trabalhadas estratégias de renaturalização do sistema dunar, utilizando as estruturas existentes como suporte para a sua fixação. Com base nestes princípios, são analisados e desenvolvidos desenhos em diversas escalas que ajudam a compreender o projeto e as decisões tomadas para a sua concretização.

Estes passos são relevantes para, então, nas considerações finais, é sintetizado o conhecimento adquirido ao loongo elaboração desta tese, sendo ainda apontado um pequeno execrcício experimental que demonstra o caráter efémero da proposta.

Esmoriz



F01| Esmoriz

O lugar

A freguesia de Esmoriz (figura 2) teve a sua história marcada pela forte relação com a agricultura, a pesca e, mais tarde, a tanoaria e cordoaria. Situa-se a norte do concelho de Ovar, pertencente ao distrito de Aveiro. Faz fronteira com as freguesias de Cortegaça e Paramos, esta última já integrada no concelho de Espinho.

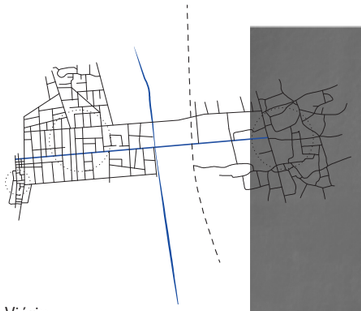
Ao contrário de muitas cidades à beira-mar, Esmoriz começa a crescer a partir do interior, afastada da costa. Isto acontece, principalmente, graças à existência da Ribeira de Maceda que atravessa a cidade e desemboca na Lagoa de Esmoriz (Barrinha) que permitiu a fertilidade dos terrenos. A proximidade com esta bacia de água doce permitiu à população tirar partido dos seus recursos, que passou a recorrer à mesma para a pesca, ervas para a alimentação do gado, o moliço que servia de fertilizante e os seus afluentes que regavam os terrenos destinados à agricultura (Amorim Dos Reis, 2015, p. 73).

A barrinha não é o único elemento natural de grande importância para Esmoriz. Os outros dois círculos ressaltam o bairro piscatório e costa marítima e o pinhal. Estas estruturas, em conjunto, funcionam como elementos de proteção e preservação da região, que vive em constante ameaça devido à erosão costeira e às inundações, impedindo que o mar invada a cidade. Os pinhais fazem parte de um grande sistema desenvolvido na tentativa de fixar as dunas e serviu, durante muitos anos, de matéria-prima para a construção do bairro piscatório.

O desenvolvimento para o interior do território também é observado na difereça de desenho na estrutura viária das duas partes da freguesia, a ligada à costa e à pesca, e a ligada ao interior agrícola. No esquema da estrutura viária, é percetível esta dualidade entre o que seguiu lógicas passadas de linhas sinuosas e grandes quarteirões, possibilitando áreas de cultivo, e o que foi o desenvolvimento mais recentemente, entre os séculos XVIII e XIX. Este segundo assume uma malha regularizada e apertada, onde a construção ocupa quase a totalidade do lote. O único ponto de conexão entre ambos os lados é feito a partir da avenida da praia, que conecta o bairro piscatório à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Embora este não seja o único eixo que corta a freguesia, é o único destinado a uni-la, uma vez que outras infraestruturas, nomeadamente a Autoestrada A29 e a linha do caminho de ferro, acabam por amplificar a divisão do território.

A divisão de Esmoriz iniciou-se nos finais do século XVII, quando pescadores provenientes de Ovar e de outras regiões chegam a praia durante o período de safra. O acontecimento fez com que um novo povoamento aparecesse, mesmo que a fixação se tenha verificado apenas alguns anos mais tarde. Esta movimentação trouxe consigo os banhistas, impulsionados pela extensão do caminho de ferro até Ovar, em 1860. Todo este processo contribuiu para que o pequeno aglomerado de pescadores expandi-se até à consolidação total do que é atualmente o bairro piscatório. Assim como a transformação das casas de veraneio em moradias fixas contribuiram para à imagem atual da cidade.

O bairro piscatório, foco de análise deste trabalho, juntamente com a frente costeira, por crescer ilegalmente e *a priori* aos planos de ordenamento do território, possui uma malha desordenada, possível de verificar no esquema viário. É ele também o que mais sofre com os avanços do mar, devido à sua proximidade com o mesmo e à fragilidade de suas construções.



Estrutura Viária

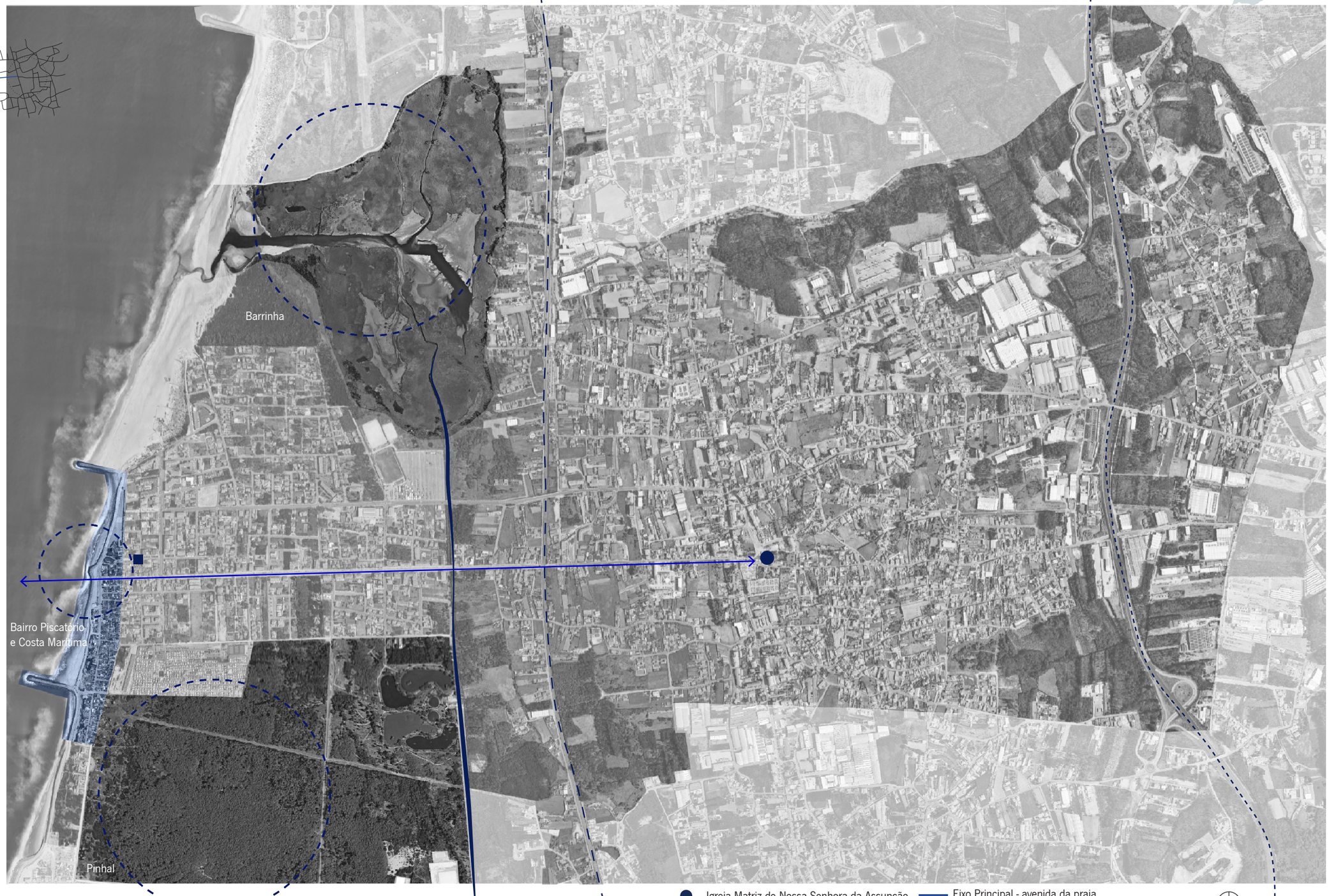


F03| Capela da Praia, Esmoriz



F04| Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Esmoriz

F02| Esmoriz. A história da freguesia

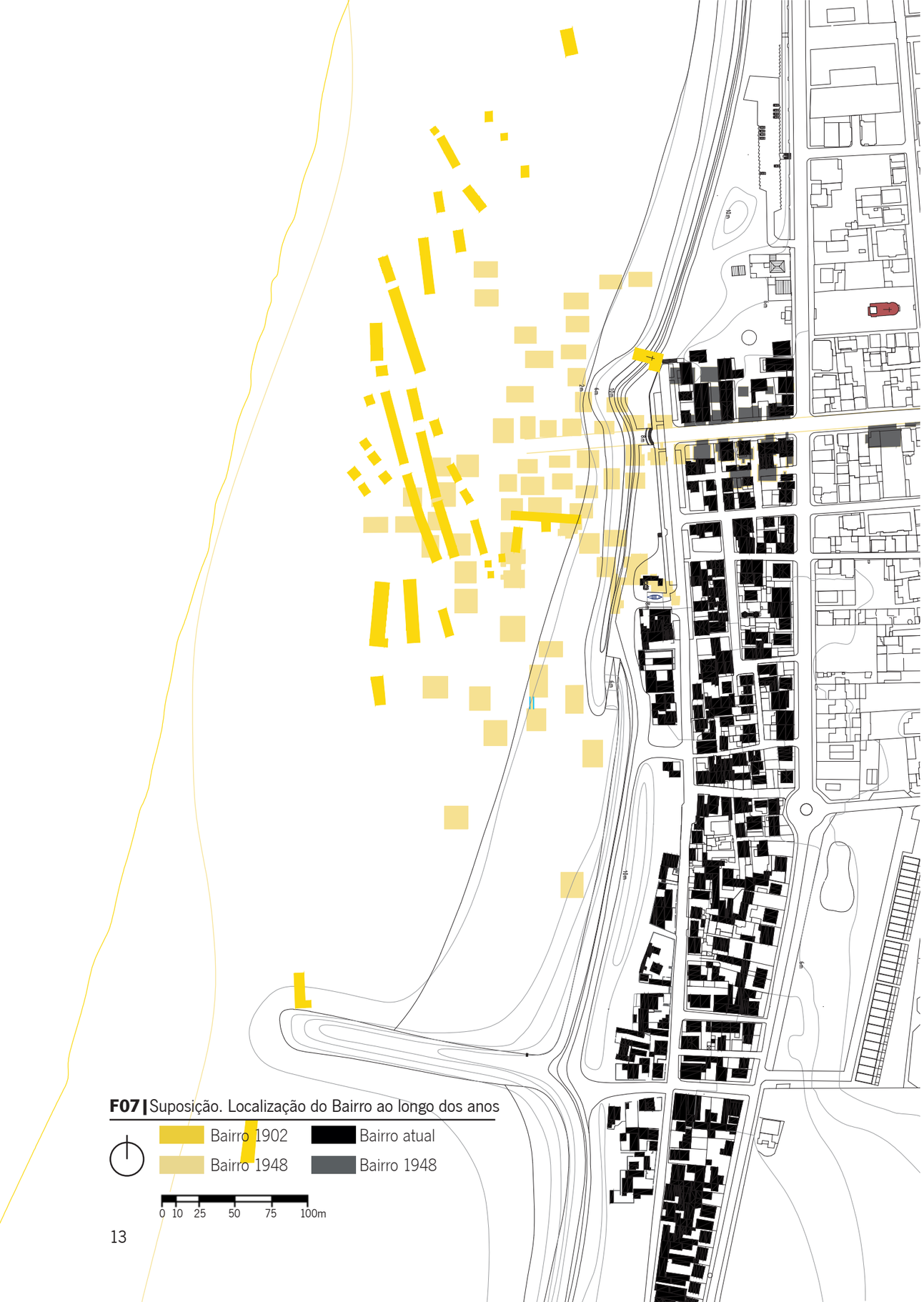


F05 | A margem



F06 | O Bairro

O Bairro Piscatório



F07 | Suposição. Localização do Bairro ao longo dos anos

Para compreender a importância da comunidade piscatória para este trabalho, é preciso conhecer a sua história, pois é da memória que este lugar se alimenta.

Como já foi referido, o primeiro assentamento na praia data de meados do século XVIII. No entanto, é apenas no início do século seguinte, com a abundância de peixes, que a ocupação se torna permanente e a Barrinha deixa de ser a principal fonte de subsistência. As primeiras construções, embora muito precárias e em madeira, organizam-se em banda e seguem o sentido dos ventos, criando corredores e assim garantido que a areia transportada pelos mesmo não se acumule com tanta facilidade nas estruturas. Com o aumento das construções e a chegada do caminho de ferro, em 1866, foram inaugurados uma pequena capela e um largo, ambos em homenagem ao Senhor dos Aflitos (Amorim Dos Reis, 2015, p. 79).

O século XX marca a história do bairro com uma série de alterações morfológicas. O seu crescimento, sobretudo devido ao aumento do turismo balnear, provoca a necessidade de regulamentar as construções e criar eixos estruturantes. Estes acabam por buscar alguns dos elementos pré-existentes do bairro, como o largo e a capela de Nosso Senhor dos Aflitos, que dão os alinhamentos principais do traçado. O bairro inicialmente segue a estrutura proposta, mas continua a crescer de forma ilegal e irregular, criando suas próprias lógicas de acordo com as suas necessidades.

A segunda metade do século passado é marcada por uma série de inundações no bairro, que é obrigado a reconstruir-se e recuar quase que anualmente. Deste modo, com as grandes mudanças que a cidade enfrenta é criado, nos anos 90, o primeiro plano diretor municipal (PDM) de Ovar (Resolução do Conselho de Ministros n.º 66/95, de 10 de julho). Com ele vem o incentivo para o desenvolvimento a norte da costa visto que, até o momento, o único núcleo construtivo da zona costeira era de pescadores, fazendo com que a cidade adquirisse construções com mais altura e materiais mais nobres. É também por esta altura que se inicia a construção das estruturas de proteção costeira, com o intuito de minimizar os danos a costa.

É certo que os problemas relacionados com o mar não ocorrem apenas na parte sul de Esmoriz, mas por se encontrar a menos de 10m da linha de costa, é a primeira faixa do bairro que mais sofre com as inundações. Por este motivo, em 2015 foi alvo de um projeto de realocação que retirou cerca de 30 famílias (Esmoriz: Trinta famílias com casa nova no “sapatinho”, 2015), a maioria residindo em palheiros ou casas pré-fabricadas de madeira, ambas em estados precários de conservação. Estas passaram a viver no bairro da Boa Esperança, em terreno cedido pelo parque de campismo (Oliveira, 2002). O projeto estava previsto para funcionar em 2 fases, ou seja, realojar todas as 60 famílias moradoras da linha de frente, mas nunca foi concluído.

Pensando que a realocação das restantes famílias vá acontecer num futuro próximo, principalmente devido às alterações climáticas e erosão costeira, neste trabalho são inventariados os tipos de construção, seus usos e tipos de materiais. Pretendendo-se, deste modo, determinar se será possível a utilização de algumas das estruturas, em especial as de maior valor simbólico para a comunidade, para outros tipos de função, ou se apenas será possível a reutilização dos materiais.



F08| Capela de nosso senhor dos aflitos com a capela da praia ao fundo



F09| Palheiros no areal esmorizense, 1938



F14| Esmoriz, verão de 1907



F10| Três palheiros na praia de Esmoriz



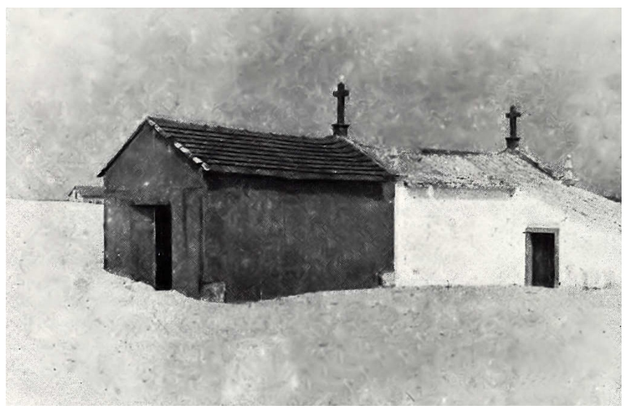
F11| Esmoriz em 1970



F15| Esmoriz, 1958



F12| "Palheiros mandados construir pelas autoridades marítimas, 1942"



F13| Antiga capela de Esmoriz



F16| A arte xávega e o palheiro, 1958

Atualmente, a imagem do bairro aparenta estar muito distante da sua primeira construção. Contudo, ao analisá-lo através de trabalhos de campo em conjunto com o apoio de fotografias aéreas e outras bases cartográficas, digitais e físicas, é possível estabelecer uma série de lógicas que facilitam a perceção do espaço desde a sua organização até à materialidade. A investigação evidencia pontos percetíveis à primeira vista e desvenda outros que, à partida, não se mostram tão claros, mas ajudam a caracterizar o bairro. Ao analisar com um olhar mais atento, o bairro revela-se e conta-nos, ele próprio, todas as informações acerca de seu uso e de seu processo evolutivo.

A área aqui analisada refere-se à primeira linha da rua dos pescadores. Esta parte do trabalho centra-se apenas na primeira faixa residencial da orla marítima, visto que é a que corre mais riscos associados oos avanços do mar e a erosão costeira.

Alçado

O ponto de partida da análise é feito através alçado da Rua dos Pescadores (figura 17). É ele que nos fornece as primeiras pistas para desvendar as lógicas de habitação do bairro. Estas abrangem os muros que delimitam as propriedades, os espaços de respiro entre lotes, as diferenças de cota entre as construções e sobretudo, o impacto visual que construções coloridas e de baixa altura produzem na paisagem. Todos estes elementos contribuem para contar a sua história. É a partir do alçado que começamos, também, a identificar as construções de maior interesse para representar a identidade do bairro.

Trabalhar com o perfil da zona de estudo permite obter informações que são omitidas em cortes horizontais, como alturas de pé direito e dimensões de aberturas. Ao analisar o alçado fica claro que as construções são feitas pensando na escala humana, não ultrapassando os 2 pisos e sendo maioritariamente edifícios térreos. As únicas coberturas planas são aquelas que oferecem algum tipo de função para o núcleo familiar, em outro caso são sempre inclinadas e tendo uma ou duas águas em função da necessidade. É de se notar ainda, a mínima existência de aberturas diretas para a rua. As casas costumam voltar-se para dentro do lote, o que afasta a fachada principal do alinhamento com a rua. Quando há necessidade de as fazer, as aberturas são de pequenas proporções e incluem portadas.

Organização

Surge, então, a necessidade de desvendar o seu traçado urbano. Por se tratar de um aglomerado formado por construções irregulares, não segue nenhuma malha estruturante para além dos alinhamentos viários, o que torna difícil a sua compreensão. Vale a pena ressaltar que, embora esta não seja uma informação determinante para a proposta de projeto, é necessário perceber o desenho dos lotes (figura 18), para então se começar a estabelecer as suas lógicas organizacionais.

Através desta análise é possível constatar uma grande variedade no que toca à dimensão dos lotes, sobretudo quando há diferenças de uso. As parcelas destinadas a armazéns são menores e a construção ocupa a totalidade do terreno, enquanto as residenciais espalham-se por uma área maior, o que permite espaços de respiro dentro do lote. Destaca-se ainda, a diferença de proporção entre lotes de diferentes épocas, sendo os mais antigos maiores e com mais anexos afastados da construção principal.

Anexos

As construções aditivas são a principal característica do bairro, visto a sua predominância no tecido construído do mesmo (figura 19). Ao estudar as divisões e tipos de construção de cada lote, referido no ponto anterior, notou-se que grande parte dos elementos que constituem este espaço são anexos, ou seja, construções realizadas a posteriori a instalação dos moradores.

Coloca-se, então, a questão de que funções estes anexos exercem dentro do contexto habitacional (figura 20). As construções aditivas apresentam diferentes finalidades, variam entre o apoio doméstico e o apoio laboral. Porém, são sempre acréscimos as necessidades de cada núcleo familiar, quer seja um quarto extra ou uma cozinha. Podem estar inseridas dentro do lote ou justificarem aumentos para comportar as novas edificações.

Materiais

Relativamente à materialidade, efetuou-se uma análise baseada no levantamento fotográfico produzido para perceber as principais características construtivas do bairro. Através desta análise, foi possível inventariar estes materiais para determinar a possibilidade, ou a impossibilidade, da sua incorporação na proposta a desenvolver.

As construções presentes na Rua dos Pescadores caracterizavam-se, num passado não muito distante, por palheiros construídos em madeira de pinho proveniente dos pinhais da região. Contudo, com a evolução das técnicas construtivas e o realojamento de parte dos moradores, este tipo de construção irregular deixou de fazer parte do cenário habitacional. Atualmente, as técnicas de construção em madeira são aplicadas de forma muito rudimentar na construção de alguns anexos dedicados ao apoio à atividade piscatória.

A nível habitacional, os materiais mais utilizados são o tijolo cerâmico e o bloco de betão, como a alternativa mais económica e de maior resistência em relação à construção em madeira. Há, no entanto, uma variação no material escolhido de acordo com o que se pretende construir. Neste contexto, a alvenaria de tijolo cerâmico é frequentemente utilizada para a construção da habitação principal, enquanto o bloco de betão é utilizado na construção de muros e anexos (figura 21).

Destaca-se a existência de algumas exceções ao padrão estabelecido. A construção de anexos é ifrequentemente realizada com recurso a materiais disponíveis no momento, sendo por isso, possível observar estruturas que utilizam chapas metálicas ou placas de policarbonato para complementar paredes ou até mesmo, como material principal de toda a construção (figura 22)

As coberturas (figura 23) são, por outro lado, facilmente identificadas e resume-se a três tipos: telha cerâmica, chapa metálica e placas de fibrocimento. Não há uma motivação clara para determinar a escolha do material mas, por norma, as construções em melhor estado de conservação e que aparentam ter passado por reformas, apresentam coberturas revestidas com telha cerâmica.



F17 | Alçado atual da primeira faixa do bairro

F18| ANÁLISE: PARCELAR

Variação de dimensões entre lotes residensiais e laborais

Espaço vazio

Parcela

0 10 25 50 75 100m

F19| ANÁLISE: ANEXOS

Construções aditivas em relação a construções primárias

Construções primárias

Anexos

0 10 25 50 75 100m

F20| ANÁLISE: TIPOLÓGICA

Tipológia dos anexos existentes na primeira faixa do bairro

Construção primária
Anexo doméstico
Anexo laboral
Anexo apoio piscatório

0 10 25 50 75 100m

F21| ANÁLISE: CONSTRUÇÃO EM TIJOLO CERÂMICO E BLOCO DE BETÃO

Tipológia dos anexos existentes na primeira faixa do bairro

Tijolo cerâmico
Bloco de betão

0 10 25 50 75 100m

F22| ANÁLISE: CONSTRUÇÃO SINGULAR

Tipológia dos anexos existentes na primeira faixa do bairro

Chapa metálica

Chapa de policarbonato

Ripas de madeira

0 10 25 50 75 100m

F23| ANÁLISE: MATERIAIS CONSTRUTIVOS COBERTURA

Tipológia dos anexos existentes na primeira faixa do bairro

Chapa metálica

Telha cerâmica

Chapa de fribrocimento

Laje de betão

0 10 25 50 75 100m



O Solo

A segunda parte da análise centra-se no solo. O bairro, assim como toda a parte balnear da cidade de Esmoriz, assenta sobre terreno arenoso. Neste caso específico o território faz parte do cordão dunar de Ovar e, devido às constantes alterações causadas pela adaptabilidade do solo para o uso urbano, parte deste território foi extremamente danificado.

Por isso, foi importante averiguar a permeabilidade do solo da zona em estudo (figura 25) para se perceber os tipos de cuidados que o projeto deverá ter em consideração para a sua regeneração. Destaca-se, desde logo, o facto do cordão primário da duna ainda se fazer presente, sendo a maioria do tecido permeável. No que toca às parcelas construídas, são todas impermeabilizadas com lajes de betão, permitido pequenas aberturas para hortas (figura 26). As únicas partes de solo semipermeável remetem para o pavimento posterior da rua dos pescadores, sendo este em paralelos de granito.



F25| ANÁLISE: PERMEABILIDADE

Solo na primeira faixa do bairro

Área construida
Duna - permeável
Duna - semipermeável
Hortas

0 10 25 50 75 100m



F26| ANÁLISE: IMPERMEABILIDADE

Solo na primeira faixa do bairro

Impermeável
semipermeável

0 10 25 50 75 100m

As Dunas de Esmoriz

Para entender a importância do cordão dunar para o projeto e para a preservação da costa e paisagem natural de Esmoriz, é preciso explicar a sua formação. Ao integrar o perímetro florestal das dunas de ovar, faz parte de uma estrutura que vai de Espinho à ria de Aveiro e remonta a um processo que tem início há 300 milhões de anos, com a divisão da pangeia, e perdura até os dias de Hoje.

A formação desta estrutura dá-se a partir de dois processos geológicos distintos: O maciço rochoso (Maciço Hespérico) e a bacia sedimentar (Orla Mezo-Cenozóica). O primeiro é a parte mais sólida do território, e também a mais antiga. O maciço Hespérico, composto principalmente por granito e xisto, tem a sua consolidação aquando da Orogenia hercínica (pangeia) devido a importantes movimentos de compressão dos sedimentos dispostos no fundo do mar. De morfologias distintas das atuais, estes foram enrugados e trazidos à superfície, dispondo-se em faixas alongadas perpendiculares às forças que originaram o seu enrugamento. A Orla Mezo-Cenozóica forma-se a partir da separação da pangeia. Com a abertura de fendas que dividiram o planeta tal como o conhecemos, os maciços rochosos passaram a sofrer interferência dos ventos e da erosão causa pelo contacto com a água, o que fez com que partículas se soltassem e, levadas pelo vento, assentassem sobre o maciço hespérico, dando origem as extensas faixas de areia que fazem parte do território português (Araujo, 2006).

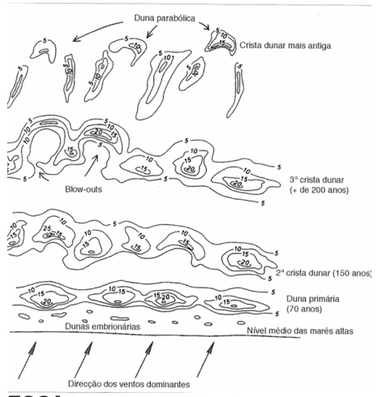
Em ovar, a bacia sedimentar tem início na zona de espinho e cresce em diagonal em direção a sul (figura 27) tornando assim 50% do concelho assente sob rochas mais recentes, areias de praia e dunas do período holocénico (período geológico atual, que começou há 11mil anos). Como é de se esperar, num processo tão longo como é o geológico, há diferentes graus de consolidação dunar, sendo as dunas mais recentes dispostas paralelamente ao mar e chamadas de dunas primárias. As mais antigas, tendo sofrido mais com as ações dos ventos, passam a dunas longitudinais (Araujo, 2006).

As dunas de Esmoriz, que serão foco neste trabalho, são paralelas à linha de costa e apesar de primárias, são também entendidas como dunas transversais, pois não são consolidadas mas apresentam vegetação herbácea[1].

Atualmente, o cordão dunar da zona de estudo encontra-se extremamente degradado, até mesmo inexistente em alguma partes, como é possível



F27 | Representação da área em análise a partir das cartas geolóogicas 13A e 13C



F28 | Formação do cordão dunar

1 Plantas de pequeno porte e caule mole, o que as torna adaptáveis a ambientes dunares

observar no alçado (figura 29). A sua situação atual deve-se a diversos processos de intervenção humana, possíveis de verificar através da análise documental, ou mesmo através dos comentários de alguns moradores, que ou viviam nos palheiros ou construções modulares que assentavam sob as dunas, ou participaram no processo de limpeza das mesmas após o realojamneto destes moradores.

Por serem estruturas muito sensíveis, os principais responsáveis pela sua danificação são as ações humanas, como pisotear, depositar lixo e/ou a condução de automóveis, provocam danos muito difíceis de reverter (Parque Dunas De Gaia, 2019). O estudo foi feito com uma amostra temporal de cerca de 10 em 10 anos desde 1984 até à atualidade, que só foi possível devido ao auxílio de ortofotomapas. A partir das imagens, é possível compreender a movimentação das areias e da vegetação existente. Destaca-se o facto da introdução das estruturas de proteção costeira ter travado o desenvolvimento de novos cordões dunares, interferindo diretamente com a "saúde" do que se manteve devido à constante movimentação das areias durante a construção e manutenção das mesmas.

A figura 30 apresenta a síntese da movimentação dunar ao longo dos anos. Na mostra à verde-claro, observa-se uma duna pouco consolidada, com pouca vegetação e de grandes dimensões (ano de 1980). O processo de construção dos paredões faz com que parte do cordão desapareça e, devido à elevada diferença de cota que surge entre a praia e a duna, o transporte de areias para esta última foi dificultado. A mancha de 1990 representa o cordão após o fim das obras, enquanto a macha a verde-escuro representa o pequeno cordão atual e reduzido cordão atual, ainda mais fragmentado pela abertura de arruamentos que dão a praia. Embora apresente indícios de que a vegetação esta a crescer, se comparada com a de 1990.

Atualmente, é um sistema que precisa de muitos cuidados, desde a remoção do lixo e plantas invasoras até à sua total reestruturação. Para tratar a vegetação existente foi desenvolvido um inventário de espécies (figura 31), para assim se perceber quais deverão ser os procedimentos de remoção de plantas invasoras, ou que cuidados a se tomar com as autóctones.

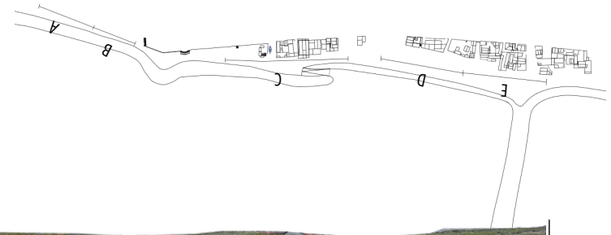
Através do conhecimento adquirido sobre a flora dunar e dos estudos realizados no local, foi possível produzir uma série de elementos gráficos que representam o estado atual do cordão dunar da praia de Esmoriz, sendo um deles o alçado das dunas. A partir dele, o assunto tratado nesta parte do trabalho torna-se visível, tanto ma sua função protetiva, visto que cria uma barreira natural entre o bairro e o mar, quanto na sua fragilidade enquanto estrutura dunar.

A mancha de vegetação atual é composta, na sua maioria, por espécies invasoras como o Chorão-da-praia ou o Trevo-azedo[2]. A grande concentração deste tipo de vegetação impede que outras espécies (naturais do local) se possam desenvolver, pois tornam o terreno em que se inserem muito ácido. Apesar disto, nota-se que a vegetação autóctone tenta resistir e germinar entre as opressoras. Destacam-se algumas espécies autóctones facilmente encontradas nas dunas e que são essenciais para a sua fixação, como o Feno-das-areias e o Estorno[3]. Outras espécies que surgem na paisagem são a Morganheira-das-praias, o Lírio-das-areias e o Morrião-das-areias[4].

2 Nome científico: *Carpobrotus edulis* e *Oxalis pes-caprae*

3 Nome científico: *Elymus farctus* e *Ammophila arenaria*

4 Nome científico: *Euphorbia paralias, Pancratium maritimum* e *Anagallis monelli*









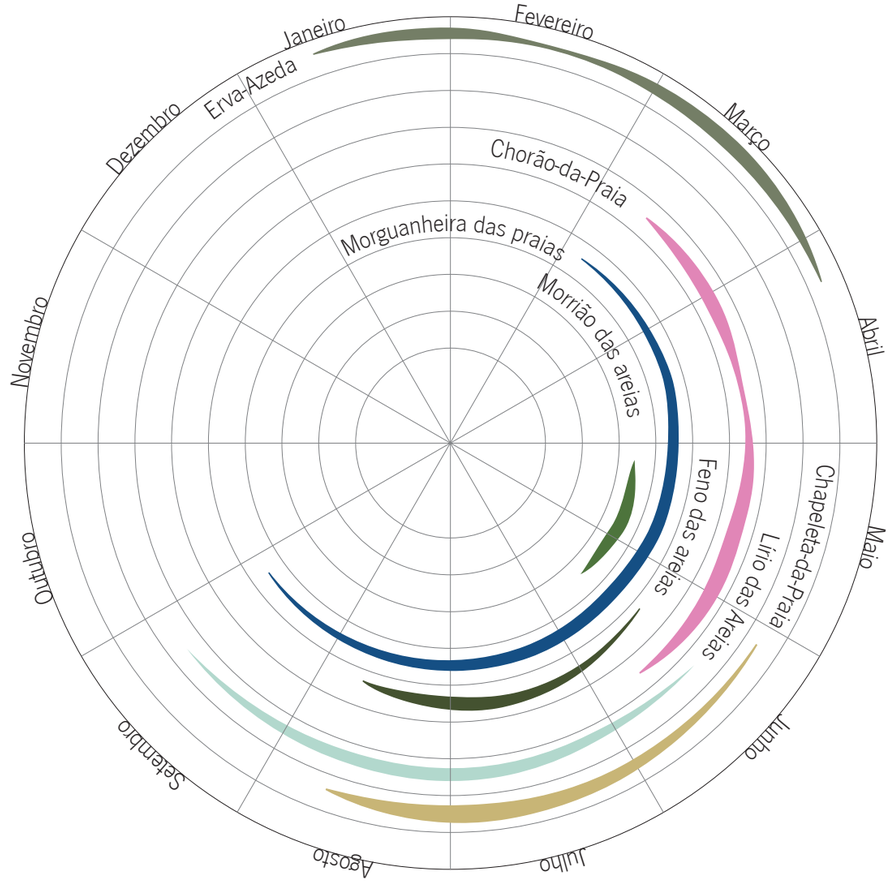


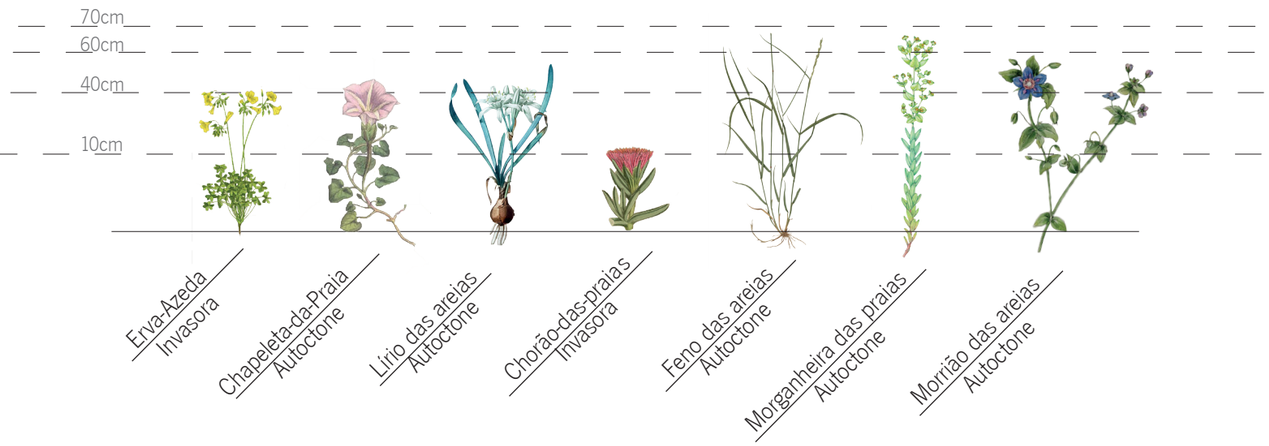


F29| Alçado Dunar atual



F30 | Movimentação Dunar



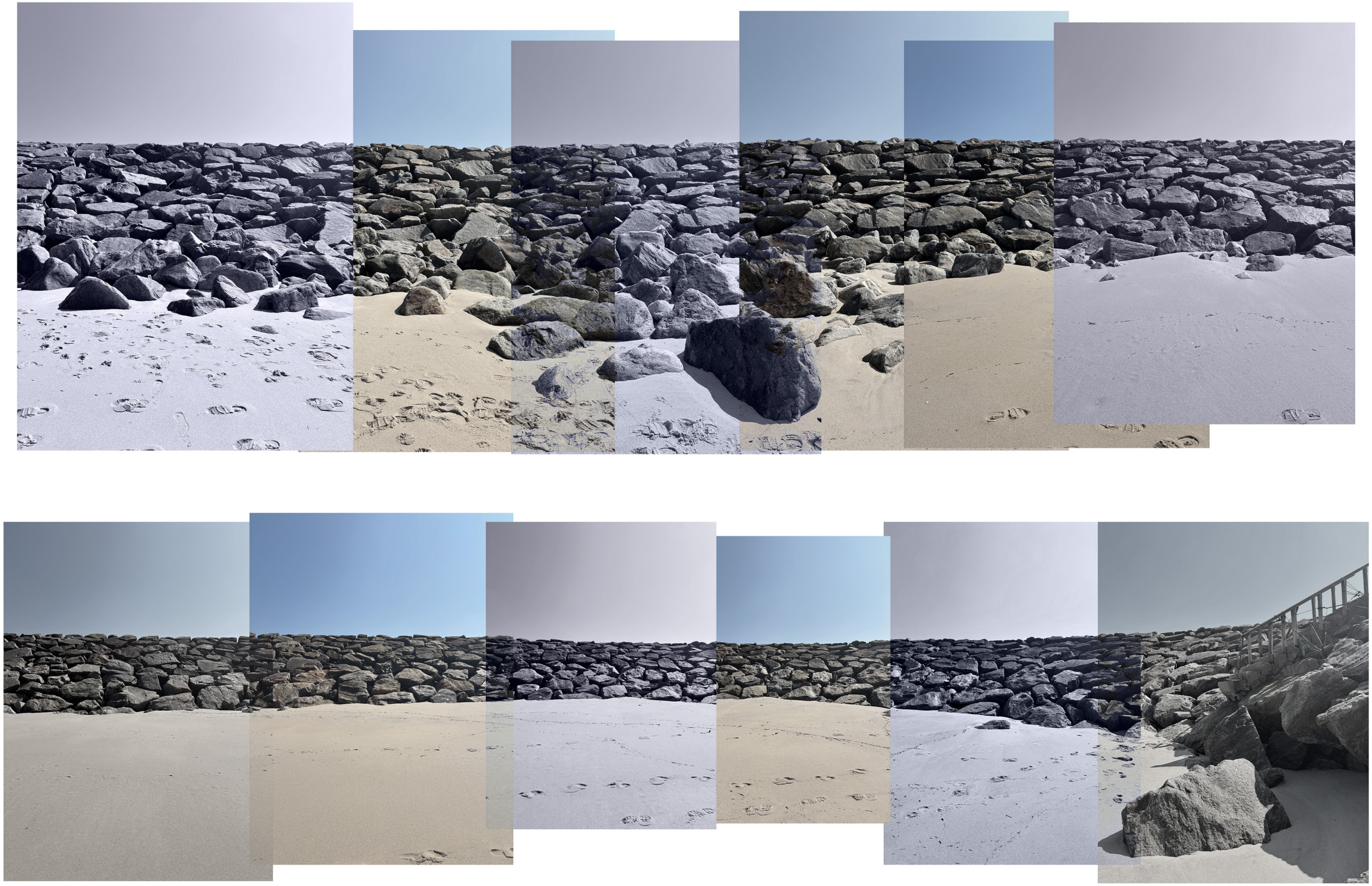


F31 | Gráfico da vegetação :existente



F32| A costa Marítima

A Costa Marítima



F33 | Alçado parcial do esporão visto da praia



F34 | A problemática da costa

Ao longo deste trabalho, muito se referiu a costa marítima e as dificuldades da vida na mesma, tanto que é nela que assenta a intervenção proposta. Porém, é nesta parte do trabalho que abordarei qual é, de facto, a problemática que torna a vida marítima tão desafiadora. Portugal sofre, há muitos anos, com a perda de território costeiro devido à atividade marítima e tem Ovar como o concelho de maior risco. Nos últimos 76 anos, já se perdeu cerca de 13 quilómetros quadrados de costa (Linha De Costa Em Situação De Erosão | Relatório Do Estado Do Ambiente, n.d.) e esse número só tende a aumentar. Esmoriz não é alheia a esta realidade, tendo já sido alvo de intervenções de proteção que, embora apresentem melhoras, não são soluções definitivas.

A costa portuguesa, para manter o seu território, trava uma batalha conturbada com as forças da natureza que começou antes mesmo das alterações climáticas. O país está posicionado de forma a que os ventos dominantes (norte-este), e consequentemente a ondulação do mar, o atinjam com uma ligeira inclinação. Este movimento constante, que desgasta a costa (erosão) e transporta a areia de norte para sul, não seria muito prejudicial para a estabilidade das praias se a bacia sedimentar que as forma não estivesse em défice.

Isto é, a bacia sedimentar abastece o litoral com a areia trazida pelos rios. Contudo, nos últimos anos não tem recebido sedimentos em quantidade suficiente para repor o que foi perdido. A costa tem perdido mais areia do que consegue acumular e embora os fenómenos responsáveis sejam naturais, a intervenção humana é a responsável pelo défice, nomeadamente pela construção de barragens. Com efeito, devido ao impedimento da passagem da água, o sedimento carregado pela mesma assenta e acumula-se no fundo da barragem. Quando a água é libertada, já não carrega consigo os grãos de areia, que deste modo acabam por não chegar ao seu destino final.

A consequência da conjugação de fenómenos artificiais e naturais é a perda de quilómetros de costa, prejudicando principalmente as áreas urbanas. O aglomerado piscatório de Esmoriz é um exemplo do quanto o recuo da linha de costa pode prejudicar os seus habitantes. A localização do assentamento da praia, no início do século XX (figura 7) estaria onde, hoje, o mar já avançou alguns metros. O que nos indica o seu posicionamento são algumas fotografias da capela de nosso senhor dos aflitos, tiradas na década de 40 (figura 8) que demonstram a sua proximidade à capela do mar, para além de documentação referente à proximidade da mesma ao mar (107m) (Igreja Da Praia – Paróquia De Esmoriz, n.d.), que terá sido eventualmente consumida pelo mesmo. Porém, este não foi o único problema enfrentado pelo bairro, que desde então já sofreu as consequências de inúmeras inundações que obrigou os moradores a recuar para o local onde estão afixados atualmente. Mesmo assim, em 2010, como mostram alguns vídeos gravados na região,[5] foram novamente atingidos pelas águas.

O constante galgamento da linha de costa fez com que, nos anos 80, se iniciasse a construção de estruturas de defesa[6]. A partir de alguns ortofotomapas, foi possível estabelecer uma pequena linha do tempo do processo, que começou pcom a implementação de dois esporões, um a sul e outro a norte da praia, e evoluiu para a construção de paredões de 5 m de altura que fazem toda a fronteira do bairro e de parte da cidade. Todas as estruturas sã em pedra natural. Este sistema tem-se mostrado muito eficiente para evitar novas inundações, mas não tem contribuído para a acumulação sedimentar na praia velha de Esmoriz. Na verdade, se observarmos as imagens parece que há menos extensão de praia atualmente do que há 50 anos e, segundo estudos (Macedo, 2026), os níveis do mar não aparentam estar a baixar, pelo contrário.

5 Gravações produzidas por moradores mostram o mar a avançar as estruturas de proteção e invadir o bairrohttps://www.youtube.com/watch?v=Fs1FCn4mdiA

6 Informação obtida através da observação de ortofotomapas apresentados em anexo.



F35| Planta de usos

F36| Os usos da costa

1984

1991

1997

2026

F37| A evolução da linha de costa e estruturas de proteção

0 25 50 75 100 150m

Um bom exemplo da situação atual da costa de Esmoriz explica-se através dos acontecimentos das últimas tempestades. Visitei o local em 4 ocasiões distintas, no intervalo de dois meses, e encontrei três praias diferentes (figura 34). A primeira foi anterior aos eventos climáticos, tendo verificado que alguns metros de areia separavam o paredão do mar e que havia pessoas a usar o local, apesar do mau tempo. Alguns dias após as tempestades, voltei a Esmoriz e o que encontrei foi a inexistência de qualquer vestígio de praia. Via-se apenas o mar a bater nas pedras com tamanha violência que, ao caminhar na margem, sentiam-se gotículas de água salgada. Algumas semanas depois, a experiência foi diferente. A maré tinha baixado e já era possível ver a areia novamente. Porém, o mar tinha levado quantidades alarmantes de areia e era possível ver a base das estruturas de contenção para então, menos de duas semanas depois, já ter sido devolvido à costa todo o sedimento retirado ao ponto de não parecer que estes eventos aconteceram. Com isso ressalto que a estrutura de proteção impediu o avanço do mar sobre as construções, mas não impediu a movimentação das areias.

Apesar da constante ameaça, a praia de Esmoriz continua a ser uma importante força identitária para a comunidade. Através da observação dos seus usos durante as visitas, foi possível mapear a movimentação mais frequentes da orla e areal da praia velha (figura 35). Os usos deste espaço variam conforme a época do ano, sendo mais movimentada durante as estações balneares. O período em que mais estive em contacto com as atividades desenvolvidas na orla foi durante o desenvolvimento desta tese, entre novembro e maio. Por este motivo, pouco posso relatar sobre as atividades de veraneio para além do que é mais comum, como tomas banhos e aproveitar o sol. Porém, fora da época de maior movimento, a costa continua a fazer parte da vivência dos moradores, seja através do trabalho ou do lazer. A pesca, apesar de pouco expressiva, ainda se faz presente no quotidiano da praia, com bóias laranja a marcar a posição das redes no mar ou a presença, quase constante, de pelo menos um pescador à vara na ponta do esporão mais a sul (figura 36). Enquanto o uso piscatório acontece em determinadas épocas do ano, quando se é permitido pescar, os usos ligados ao ócio parecem estar presentes ao longo de todo o ano. Mesmo nos meses mais frios havia pessoas a utilizar o espaço, essencialmente para fazer caminhadas, tendo a movimentação aumentado significativamente à medida que a temperatura aumenta.

O aumento da população e movimentação turística em Esmoriz, trouxe consigo a necessidade de ordenar o território.

O plano diretor municipal (PDM) foi o primeiro instrumento de ordenamento do território. Por ele são definidas estratégias de desenvolvimento, regras construtivas e o uso do solo, tendo a sua última atualização, ocorrido em 2015. Os pontos importantes a ressaltar para este trabalho passam pelos sistemas territoriais de salvaguarda, relativos às zonas inundáveis (Título III; Capítulo I; Artigo 10º) (figura 38) e a secção relativa aos espaços naturais, nomeadamente praias e dunas. Estes dois pontos referem-se à utilização do espaço de costa, sendo o primeiro relativo à ocupação construída onde é referido que, "qualquer ação de edificação ou demolição nessas áreas carece de autorização ou parecer prévio da APA" , sendo permitidas obras de conservação em edifícios licenciados e interditadas novas construções, a não ser para ações de controlo de cheias ou apoio à atividade balnear. Já o segundo ponto, relativo às praias e dunas, não se aprofunda muito em termos legislativos. Apenas cita que o regime de edificabilidade segue o previsto no POOC Ovar–Marinha Grande, sendo complementado pelo regime do solo rural, admitindo atividades que promovam a conservação e valorização dos ecossistemas, bem como atividades de lazer e apoios de praia.

Enquanto o PDM organiza o território municipal, o programa da orla costeira Ovar-Marinha Grande (POC--OMG), ordena o plano de costa de forma a articular a proteção dos ecossistemas naturais com a ocupação da faixa costeira. O plano atual, em vigor desde 2015, teve atualizações em 2025 relativas ao regime

das praias marítimas e dos núcleos piscatórios.

No caso de Esmoriz, concretamente no troço da praia velha dos pescadores, a planta de condicionantes[7] classifica, após as alterações feitas, como sendo de uso urbano (tipo 2), prevendo assim uma série de pontos de apoio e acessos regularizados que, com o pequeno areal, torna difícil de administrar e ainda suprir a necessidade da pesca. A pesca é entendida como um uso de tipo I, o que requer pelo menos um ponto de acesso condicionado entre o areal e os postos de trabalho, além de áreas e equipamentos de suporte a atividade, incluindo um ponto de vendas. Destaca-se ainda a previsão de um núcleo de educação ambiental para divulgação e suporte à preservação do ecossistema litoral. Para além disso, a praia de Esmoriz é classificada como "núcleo de vocação turística nível 3" o que requer uma série de equipamentos, como restaurantes e outros pontos de apoio, que a faixa de areia não suporta.

O litoral esmorizense é classificado como arenoso, o que significa um nível elevado de sensibilidade às dinâmicas e movimentações do mar, acrescido pelos fenómenos de erosão e galgamento costeiro. Por isso as faixas de salvaguarda, previstas no POOC, referem-se a Esmoriz nestes três âmbitos (figura 39): faixa de salvaguarda em litoral arenoso, erosão costeira e galgamentos e inundações. Em todos estes casos, há preocupações e previsões relativas aos seus efeitos em 50 e 100 anos.

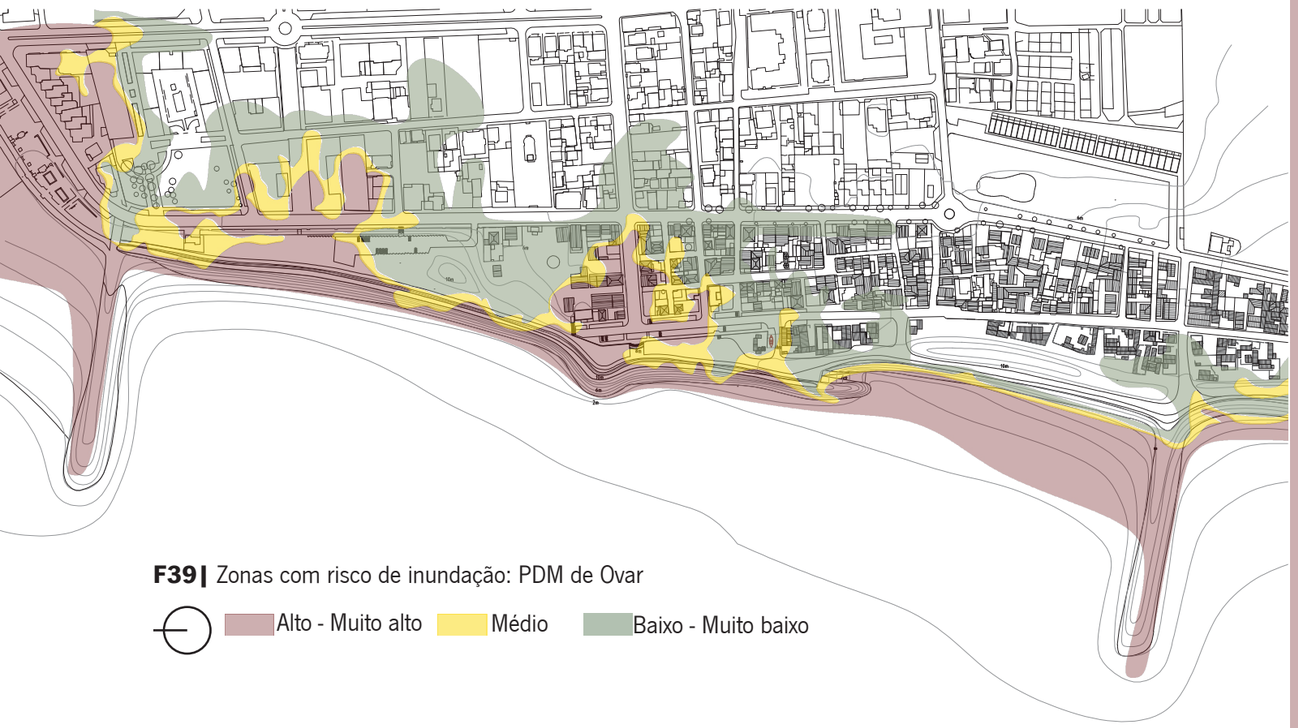
Os pontos citados em relação a ambos os regulamentos preveem estruturas e legislações espaciais que não refletem a realidade da costa. Embora a mudança de usos da praia velha dos pescadores seja coincidente com a utilização do espaço, a previsão de instalações de apoio na extensão do areal é completamente irrealista face à inconsistência do mesmo. Num ano em que as tempestades modificaram drasticamente a morfologia da praia num curto espaço de tempo, não é prático prever construções que terão de ser refeitas anualmente. Por outro lado, a caraterização de um núcleo piscatório de nível 1, atualmente não representa a realidade. Há 10 anos, a comunidade piscatória era muito mais forte, mesmo em relação à Arte Xávega, não tendo atualmente uma expressão que justifique espaços destinados ao estacionamento de embarcações na faixa de areia.

Com base na faixa de salvaguarda apresentada no POOC e nas áreas de risco potencial da APA[8], é possível constatar que mesmo com o constante reforço das estruturas de proteção, a inundação de parte da costa de Esmoriz é uma realidade que não pode ser ignorada. Isto levou-nos a tentar perceber qual seria a realidade de Esmoriz em 30 anos.

O aumento do nível do mar não é o principal problema da costa nos dias de hoje, mas as previsões para 2050 indicam uma imagem muito diferente da que conhecemos (figura 40). A soma de todas as fragilidades associadas à costa de Esmoriz resulta no constante recuo da mesma a níveis que, para impedir o impacto nas zonas urbanizáveis, exigiria um investimento económico que não se justifica. Por isso, as entidades responsáveis terão de procurar alternativas que vão além da proteção. Estas passam pela acomodação, relocalização ou alimentação artificial das praias como alternativa ao défice sedimentar. Esta última tem tido a melhor receção pelas entidades de proteção costeira (Flor, n.d.), mas é uma solução de curto prazo. A solução defendida nesta tese passa pela relocalização das famílias mais afetadas para espaços próximos, mas fora da zona de risco. No caso do bairro piscatório, este translado seria feito para o terreno em frente ao Bairro da Boa Esperança. Este acontecimento resultaria na criação de um interstício entre a parte restante do bairro e a praia, onde a proposta desenvolvida neste trabalho seria implementada.

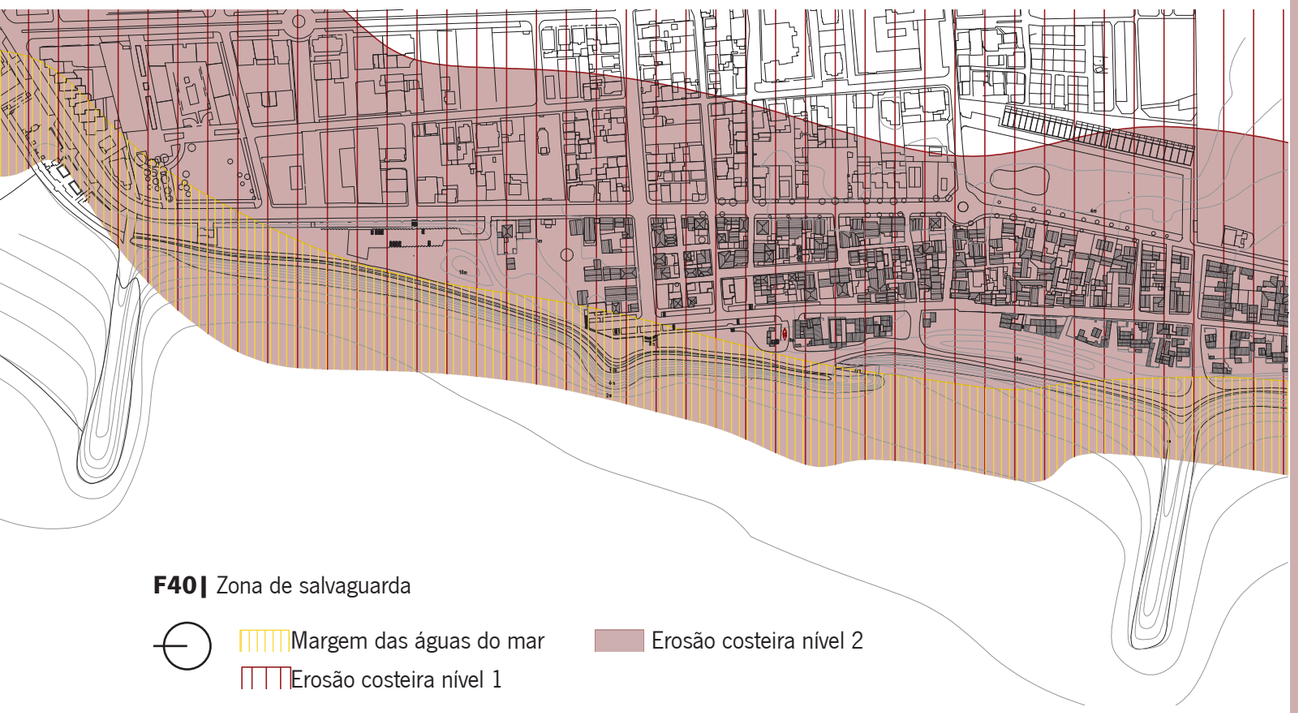
7 Documento anexo ao Pooc Ovar - Marinha-Grande, possivel para consulta em: https://apambiente.pt/agua/pooc-ovar-marinha-grande.Corresponde ao primeiro documento da secção "planta de condicionantes".
8 Agência portuguesa do ambiente

A estrutura de Protecão



F39| Zonas com risco de inundação: PDM de Ovar

Alto - Muito alto
Médio
Baixo - Muito baixo



F40| Zona de salvaguarda

Margem das águas do mar
Erosão costeira nível 1
Erosão costeira nível 2

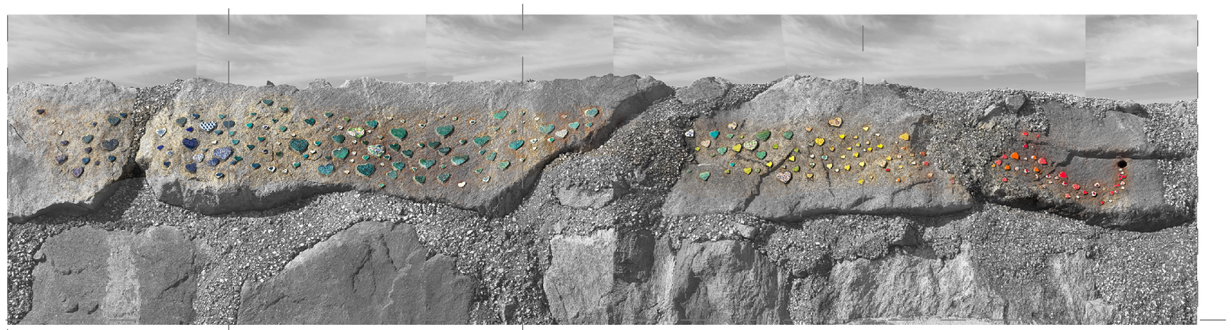
0 25 50 75 100 150m



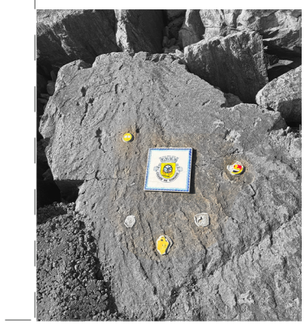
F41| Previsão de subida do nível do mar 2050

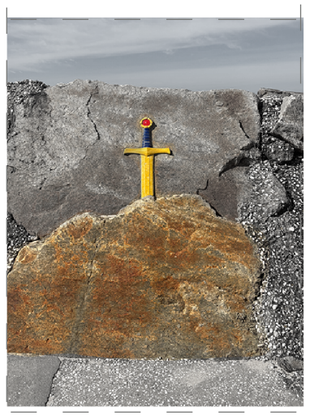
0 10 25 50 75 100m

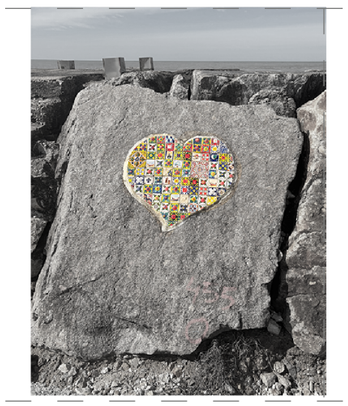




















F42| Aplicações feitas no Esporão

Infraestruturas de Pertença

A vida dedicada ao mar nunca foi fácil. Além dos muitos perigos que o trabalho traz, a escassez de peixe, a falta de remuneração digna e as constantes inundações, acabaram por criar uma rede de apoio entre os vizinhos que perdura até aos dias de hoje. A comunidade piscatória de Esmoriz carrega consigo as memórias desta vivência. Contam-nos, através de algumas entrevistas feitas no local (ver anexo), histórias de um passado repleto de reuniões na cozinha de alguém que chamava todos os vizinhos para partilhar a sopa, de pequenos furtos de pão para comer entre os amigos, ou ainda da colagem de folhas de jornal à estrutura de madeira dos palheiros, numa tentativa de aquecer o espaço. No entanto, apesar de todas as dificuldades, reiteram no final de todas as entrevistas que "naquele tempo eram mais felizes". Esta afirmação é feita não porque gostavam das dificuldades que enfrentavam, mas porque foi a partir das difíceis condições de vida que encontravam o sentido identitário que os define enquanto pertencentes àquele espaço e àquela comunidade.

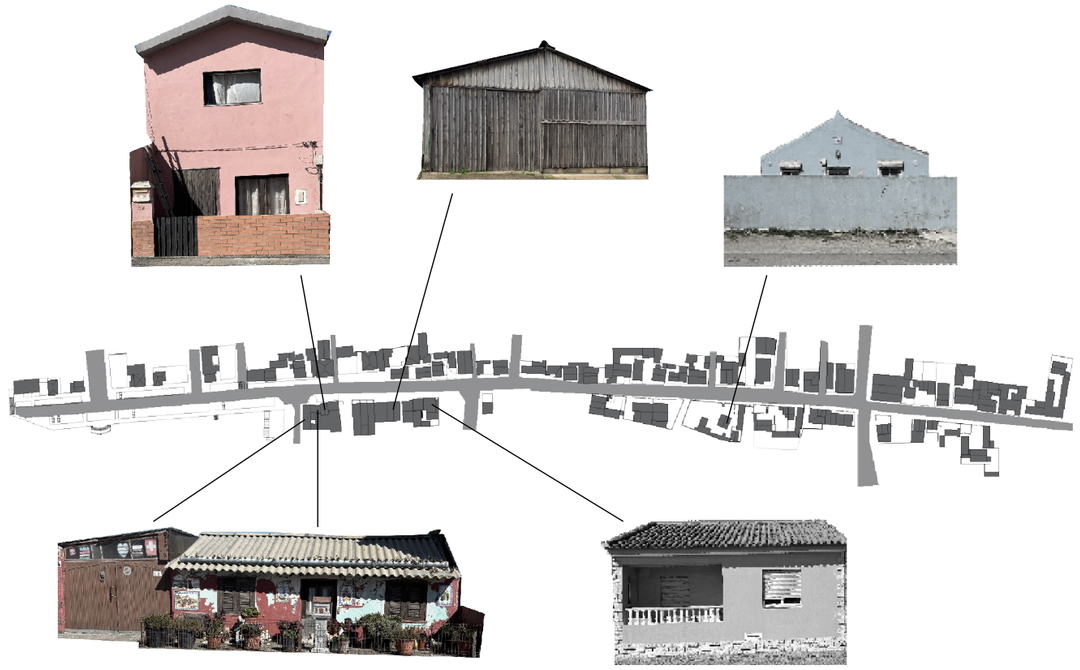
As constantes investidas do mar contra a costa fizeram com que o bairro recuasse alguns metros, a ponto de alguns dos moradores mais antigos relatarem que, quando crianças, caminhavam "quase um quilómetro" para chegar ao mar. Tal é completamente impensável na atualidade visto que, em épocas de maré alta, o areal é totalmente engolido pelo oceano. E pensar ainda que, até 1948, a capela de nosso senhor dos aflitos e a atual capela da praia coexistiam e, alguns anos mais tarde, foi também ela carregada pelo mar.

As infraestruturas de pertença são entendidas neste trabalho como suportes à vida cotidiana, estando focadas nas necessidades dos moradores de modo a reforçar o sentido identitário que existe neste núcleo. Tendo isto em consideração, entendeu-se que a costa marítima é um elemento de extrema importância para o coletivo do bairro. É certo que já não carrega o peso do sustento, pois desde o início do século que a atividade piscatória em Esmoriz, enquanto pesca de campanha ou Arte Xávega, é praticamente nula. Mas foi e é casa para muitas famílias que criaram os seus filhos ou foram criadas à beira do mar e que, num futuro muito próximo, vão-se ver obrigadas a deixar a linha de frente do bairro devido ao aumento do nível do mar. Mar que até 2050 será responsável por alagar permanentemente a zona, pelo menos até à primeira faixa do bairro.

Este trabalho tem como estratégia a renaturalização da costa marítima enquanto infraestrutura de pertença, pois entende-se que esta é um dos grandes fatores de fortalecimento do senso de identidade e comunidade neste núcleo.



F43| Pertença



F44| Edifícios importantes

A partir do entendimento das infraestruturas de pertença e das demais análises e problemáticas estudadas até o momento, o projeto a ser desenvolvido trabalha o espaço não apenas como uma zona de intervenção arquitetónica, mas também como de proteção e preservação da memória.

Entende-se que a relocalização da primeira faixa da costa não é um movimento constante, mas sim transitório e espaçado até a sua total desocupação. Por isso também, o projeto tenta perceber o que virá a ser este espaço marginal entre o mar e a urbanização, de grande importância para a comunidade, após este abandono. Trabalha-se então, com duas fases e duas diretrizes principais: o fortalecimento do vínculo entre bairro e território e a renaturalização do cordão dunar.

A primeira parte trata da área construída do bairro e concretiza-se em tempos distintos. Através da análise desenvolvida anteriormente, são escolhidas as estruturas em melhor estado e que melhor representam a identidade do bairro, assim como os anexos de apoio à atividade piscatória, destinados a servir, ou continuar a servir, como pontos de apoio à comunidade, á pesca e à praia. As restantes construções, passam por um processo de demolição, mantendo apenas muros e paredes estruturantes determinadas que servirão de apoio, assim como o entulho gerado, para a segunda fase do projeto.

A segunda parte já trabalha o solo e a vegetação. A revitalização do cordão dunar necessita de uma série de estruturas adicionais e temporárias que a tornem possível, pelo que irá utilizar as pré-existências do bairro para esse efeito. Além disso, exige condições e vegetações específicas para que possa desenvolver-se de forma saudável e a regeneração possa, de facto, acontecer. Por isso, a partir de estudos já referidos neste trabalho e noutros posteriormente mencionados, são estabelecidos os tipos de flora que este sistema vai ter no futuro, e ainda como será feito o acesso e a passagem por ele até à praia.

Esta parte do trabalho de projeto visa explicar todo o processo e as etapas que concretizam a intervenção.



Apoio à comunidade

Apoio à Pesca

Renaturalização do cordão dunar

Apoio à Pesca

F45| Planta exemplificativa da estratégia

0 10 25 50m

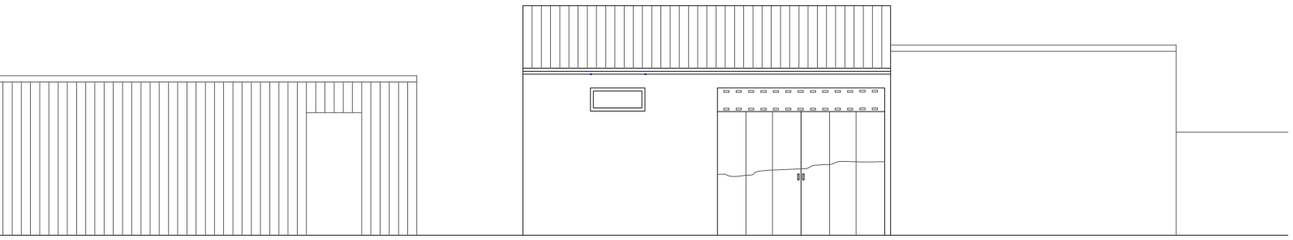
F46| Corte AA´, exemplificativo da estratégia



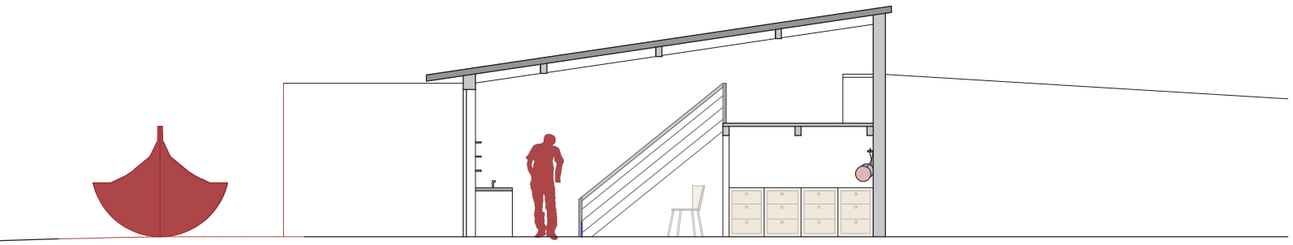
F47 | À atividade quotidiana

1 PARTE – À atividade Quotidiana

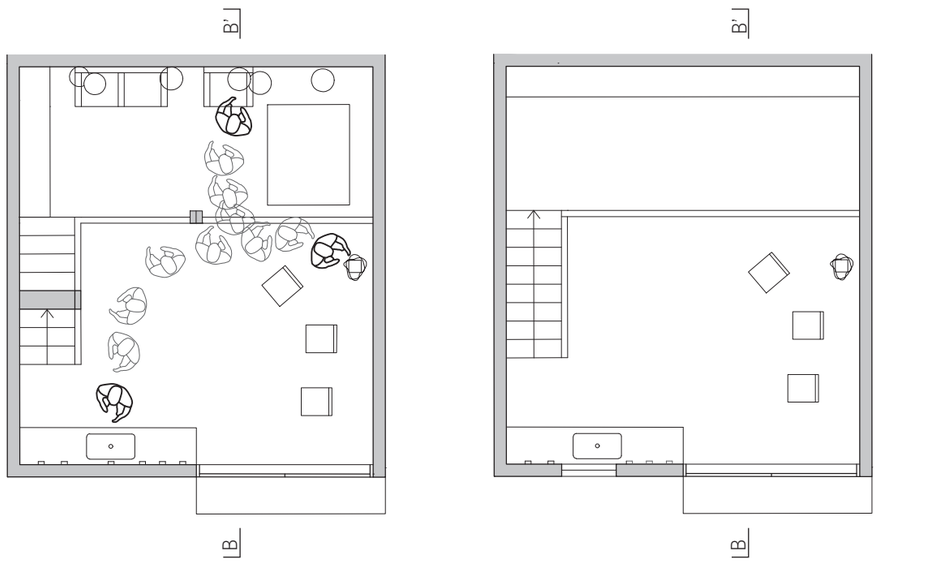
As construções aditivas e os anexos de apoio ao trabalho, são elementos estruturantes da comunidade e do seu modo de vida, funcionando como pontos de apoio à atividade quotidiana. Por isso, é importante pensar o que serão estas construções nos anos seguintes.



F48| Alçado armazém Sr.Vitor



F49| Corte BB', armazém Sr.Vitor



F50| Planta armazém Sr.Vitor

Nesta etapa a atuação no bairro é feita em dois tempos, de acordo com o que se entendeu como a primeira e segunda fases da realocação. Este critério parte do que foi considerado como as zonas mais afetadas pela ameaça do mar e pela precariedade das construções, para depois se trabalhar o restante do bairro. A atuação inicia-se nos armazéns de apoio à atividade piscatória.

A proposta não mantém todas as construções atualmente presentes na primeira faixa do bairro. Pelo contrário, são selecionadas as que se encontram em melhor estado de conservação e que melhor representam a identidade da comunidade para reabilitar e fortalecer a relação da mesma com o local. Com os pontos de apoio pretende-se proporcionar ao bairro as infraestruturas necessárias para fortalecer o seu vínculo com o lugar. Pretende-se ainda tornar o espaço mais agradável e utilitário para a vivência cotidiana. Assim, entendeu-se que estes pontos deveriam servir a pesca, a praia e a comunidade.

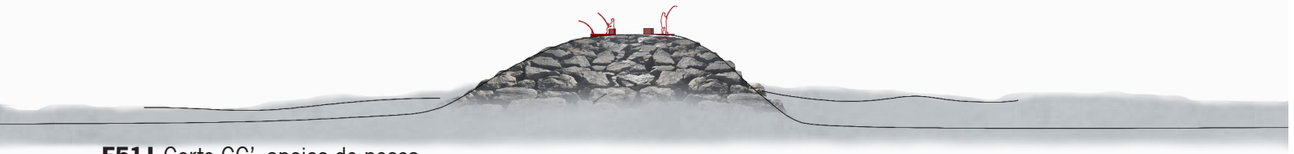
Apoio à Atividade Piscatória

Os apoios de pesca presentes na proposta utilizam-se e baseiam-se nos existentes no local, que apesar do seu reduzido número, ainda são muito utilizados pelos pescadores da zona. Como o próprio nome enuncia, tais apoios têm como objetivo auxiliar o trabalho dos pescadores, seja para armazenar barcos e instrumentos de trabalho, seja ou para servir de espaço para a prepraração das redes e outros materiais.

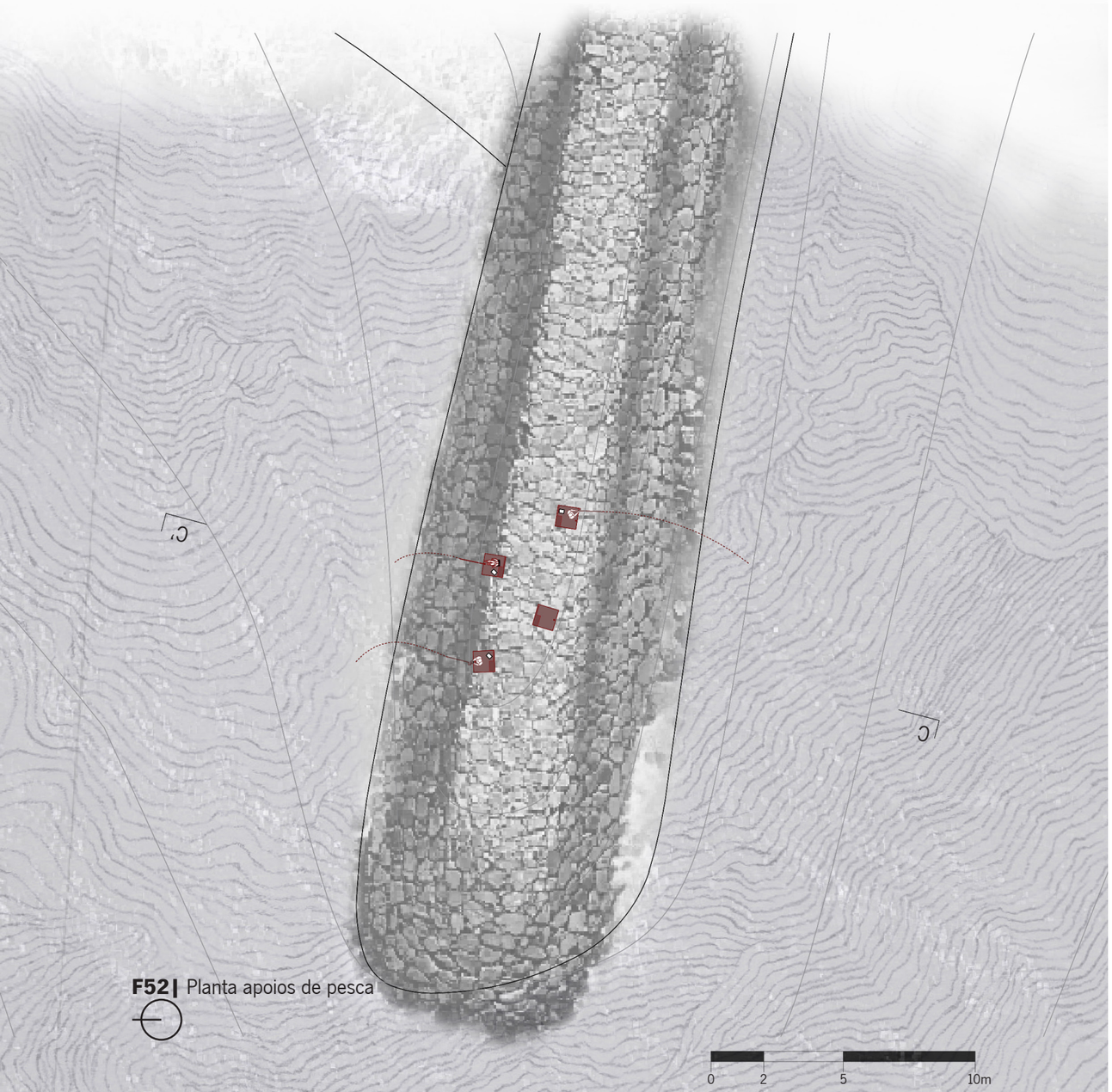
Para isso, com base nas análises feitas anteriormente, foram estabelecidos os anexos piscatórios que serão mantidos e os que serão desmontados, de acordo com a sua qualidade construtiva. Os primeiros serão reabilitados para comportar melhor as atividades exigidas, enquanto os restantes serão desmontados, ou realocados para construções pré-existentes. Criam-se, assim, novos armazéns de pesca que comportam a função para a qual estã destinados.

Como base para o desenho destes espaços utilizei o armazém do Sr.Vítor, um dos pescadores da região que foi fundamental para o entendimento da pesca e das necessidades dos trabalhadores da área. Através deste espaço, foi possível observar as distintas estações de trabalho necessárias, destacando-se os arrumos, a zona húmida e de refrigeração, a zona de afazeres manuais (como a cosedura da rede) e, ainda, a zona de estacionamento (figuras 48,49 e 50).

A pensar nas múltiplas funções do espaço, tanto os armazéns reabilitados como os novos seguem a mesma diretriz. Os mais antigos mantêm as suas características e organização principais, de forma a respeitar o modo de trabalho do pescador, mas são adaptados para proporcionar um espaço mais digno, respeitando o que já estava e acrescentando elementos que faltam.



F51 | Corte CC', apoios de pesca



F52 | Planta apoios de pesca

Os armazéns novos (figura 53,54,55), embora recorram a construções antigas, são pensados como estruturas temporárias que fazem a releitura dos antigos palheiros. A sua organização espacial segue a descrita acima mas, neste caso, os armazéns são pensados enquanto espaços partilhados, ou seja, com espaço para guardar itens pessoais, porém com zonas de trabalho compartilhadas. Desta forma, é possível criar espaços que permitam trabalhar tanto os pescadores que tiveram os seus armazéns desfeitos, como os que não os tinham antes da intervenção. E ainda, dada as dimensões do espaço, permite criar um lugar para guardar o barco e um camião da arte xávega, que se encontra exposto ao ar livre.

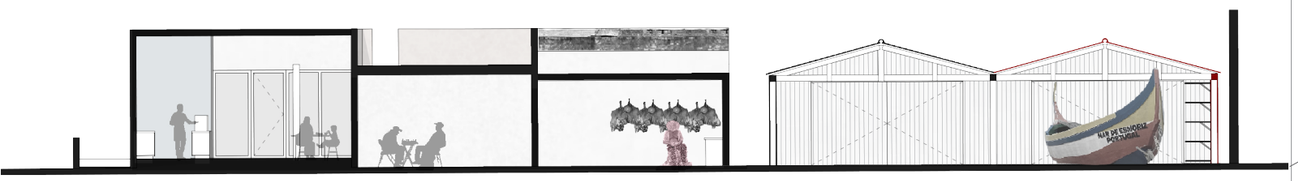
A construção é feita em madeira de pinho nacional com tratamento em autoclave duplo de vácuo e pressão[9], seguindo as tradições antigas dos pescadores. A estrutura de madeira é chumbada à laje de betão existente, de forma a evitar maiores transtornos ao cordão duanr. O pormenor construtivo destes espaços é simples, com chapa ondulada na cobertura e paredes em madeira com algum isolamento térmico para o conforto dos pescadores durante os meses mais frios.

O material de entulho gerado pela demolição destas construções vai ser utilizado em outro tipo de apoio à atividade piscatória. Com efeito, este material triturado vai ser a base de pontos de apoio à pesca na ponta do esporão sul da praia velha de Esmoriz. Pretende-se assim que a pesca à linha, frequentemente praticada neste ponto da praia, seja feita com mais estabilidade e segurança. Esta estrutura consiste em 5 bases de betão retangulares dispostas sobre o esporão, com uma pequena elevação que possa servir de assento (figura 50 e 52).

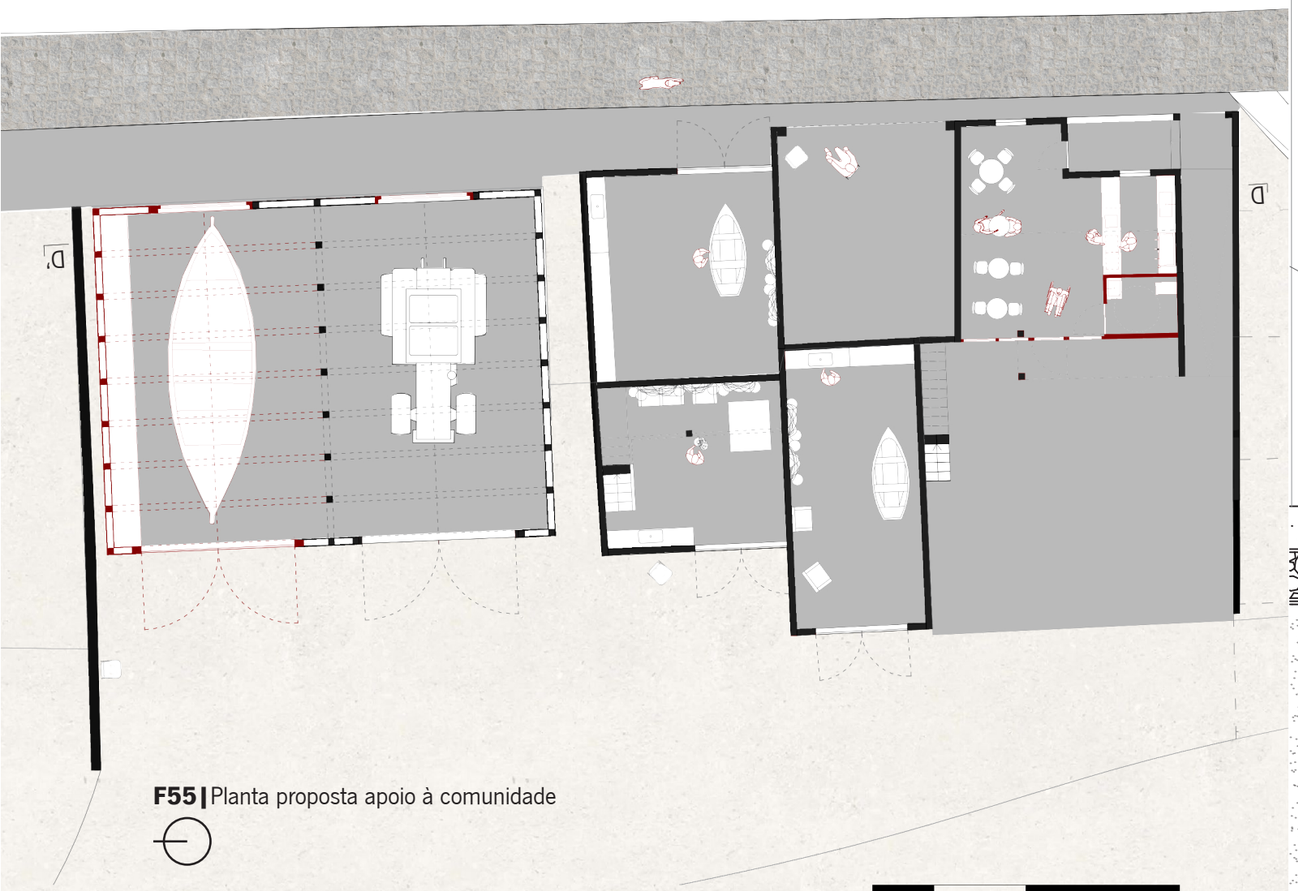
9 Processo físico e químico que utiliza vácuo e pressão para proteger a madeira garantindo uma durabilidade prolongada, de cerca de 20 anos contra apodrecimento, mesmo exposta a intempéries e contato direto com o solo.



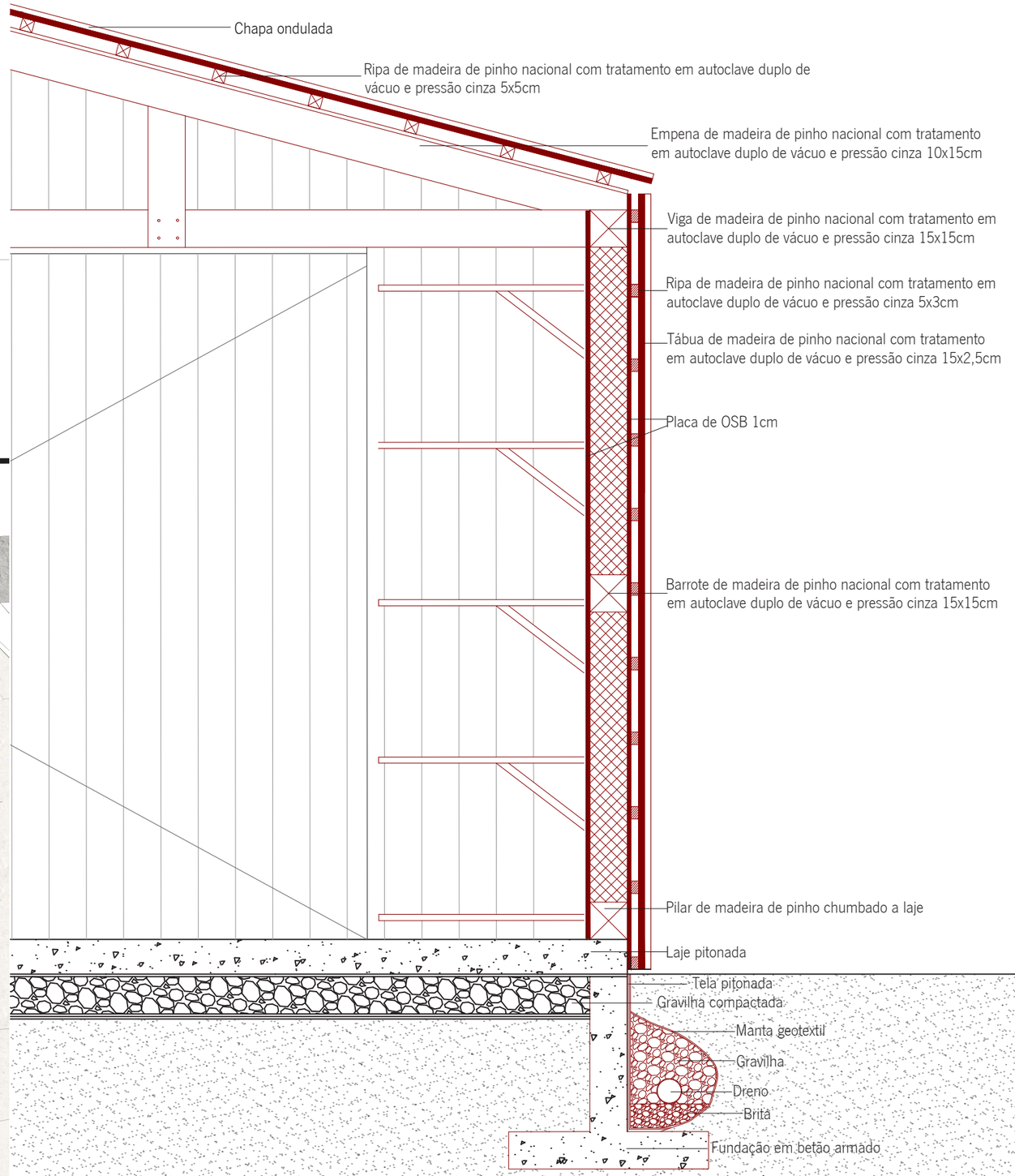
F53| Alçado proposta apoio à comunidade



F54| Corte DD', proposta apoio à comunidade



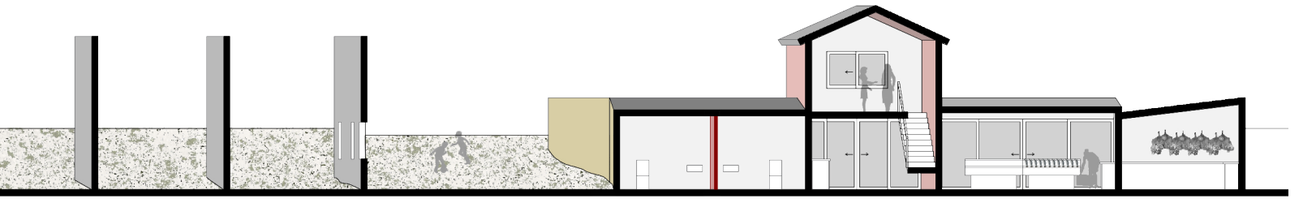
F55| Planta proposta apoio à comunidade



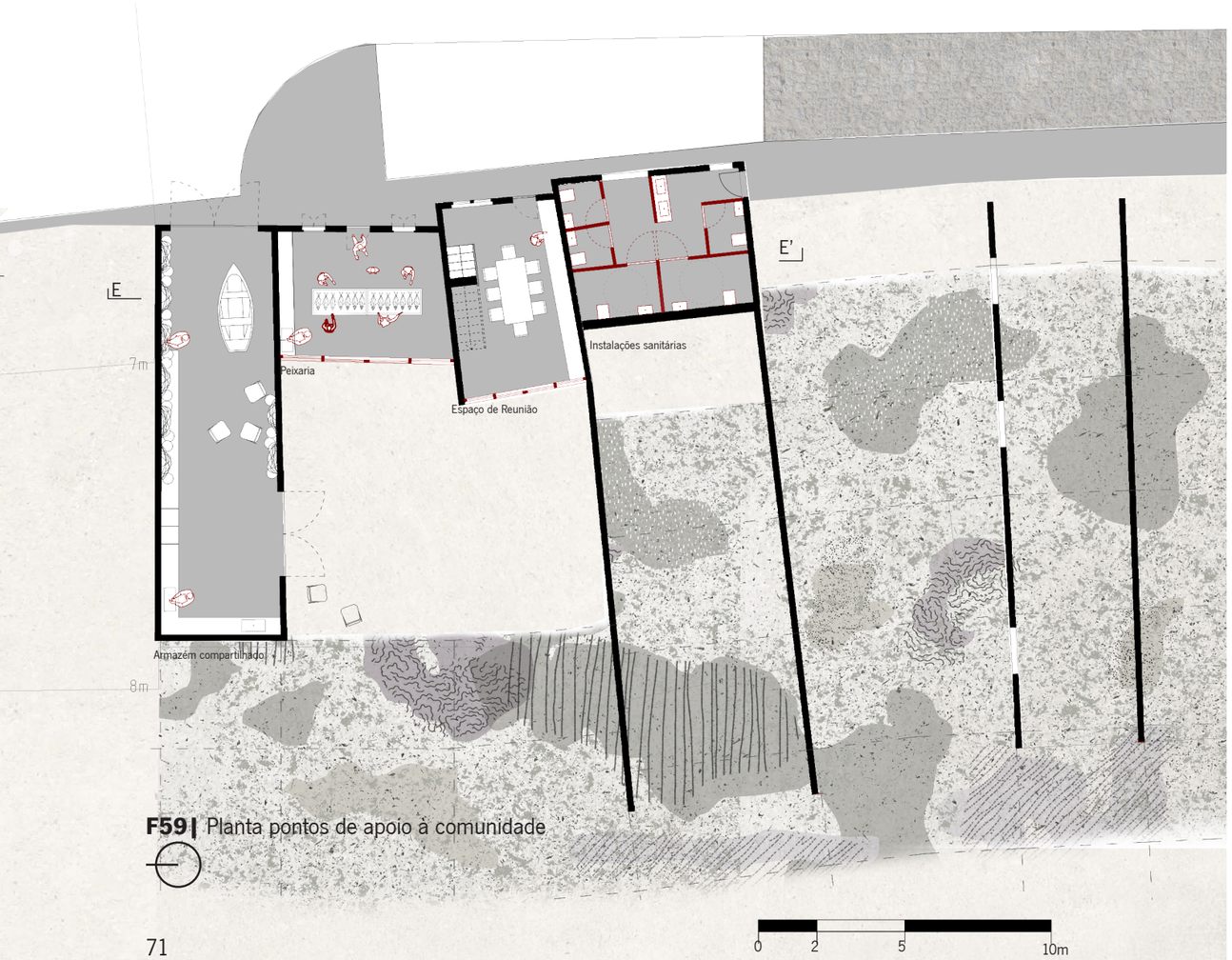
F56| Pormenor Construtivo tipo para o novo armazém



F57| Alçado pontos de apoio à comunidade



F58| Corte EE, pontos de apoio à comunidade



F59| Planta pontos de apoio à comunidade

Apoio à Praia e à Comunidade (figura 57,58 e 59)

Esta tipologia acontece num segundo tempo. Após a desocupação total da zona intervencionada, para além da pesca, o foco passa por tornar as atividades quotidianas e a ida à praia mais leves. Com a mudança de tipo de praia atribuída à praia velha dos pescadores, a mesma passa a necessitar de uma série de infraestruturas que o pequeno areal não comporta. Por isso, o projeto destina algumas das construções mantidas na primeira faixa do bairro a este propósito, funcionando como pontos de instalações sanitárias e pequenos comércios locais.

Os comércios, além de servir a praia, é também um apoio à comunidade. Uma forma de incentivar a autonomia local, com a possibilidade de comércios ligados a pesca (como uma pequena peixaria e um restaurante), um café e uma mercearia. Estes são os usos propostos neste trabalho, pois foram entendidos como necessários para a comunidade, embora estas estruturas estejam pensadas de forma a possibilitar a mudança. Por ser uma utilização temporária da margem, face à constante ameaça do mar, todas as funções atribuídas a estes espaços podem ser desmontadas.

As construções pré-existentes mantêm as paredes de fachada, com exceção da que se encontra voltada para a costa. Esta será desmontada e substituída por planos de vidro, permitindo abrir o espaço para o exterior e também uma maior entrada de luz, visto que as construções não possuem grandes aberturas.

Os apoios à comunidade visam, também a partilha e a criação de espaços de estar. Estes aproveitam algumas das coberturas planas, proximos ou não das demais infraestruturas propostas, para criar áreas cobertas que podem servir tanto como extensão dos espaços de trabalho como para uma conversa de fim de tarde. A intenção associada á criação destas áreas consiste em devolver ao bairro o convívio entre vizinhos, através de espaços que convidam a sentar e ver o mar.

No que respeita ao estacionamento de apoio à praia assumiu-se para o efeito deste trabalho, como englobando os lugares já existentes na rua dos pescadores e todos os outros existentes nas imediações.



2 PARTE – Renaturalização do cordão dunar

A partir da relocação dos moradores da primeira faixa de costa, as dunas encontram-se desabitadas pela primeira vez em muitos anos. O que permite que o trabalho que dá nome a esta tese possa começar.

F60| Renaturalização do cordão dunar

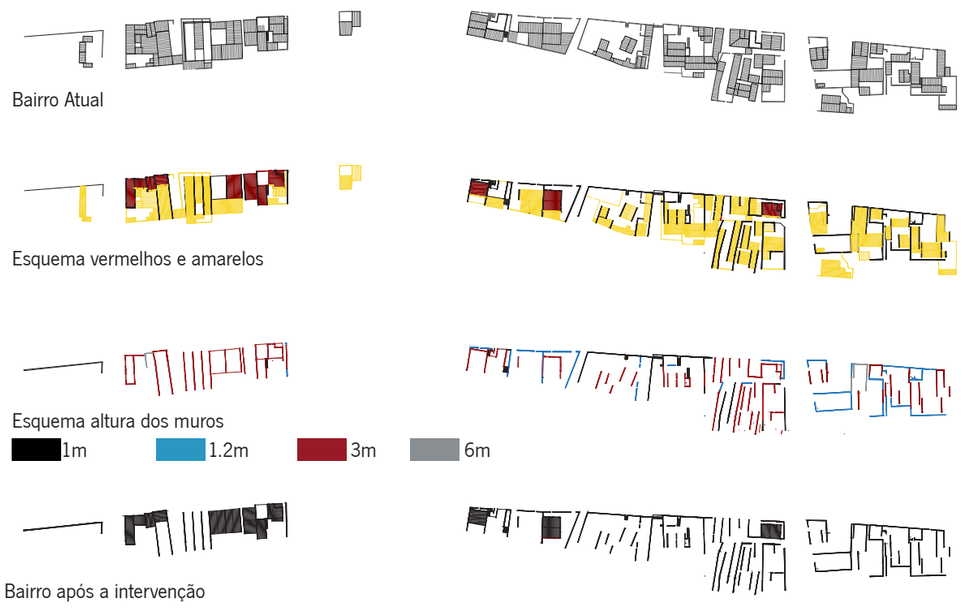
Esta fase do trabalho, baseia-se na análise, desenvolvida anteriormente, sobre as dunas e as estruturas de proteção da costa, destinada a refletir sobre o que seria um projeto de renaturalização da costa marítima de Esmoriz. A partir desta base, a proposta visa utilizar o resto das construções existentes na linha de costa para atingir este objetivo, nomeadamente no que respeira à utilização dos muros, paredes estruturantes e o entulho gerado pelas demolições. O projeto organizar-se-á em momentos distintos, sendo estes os muros, a duna e o percurso.

Muros

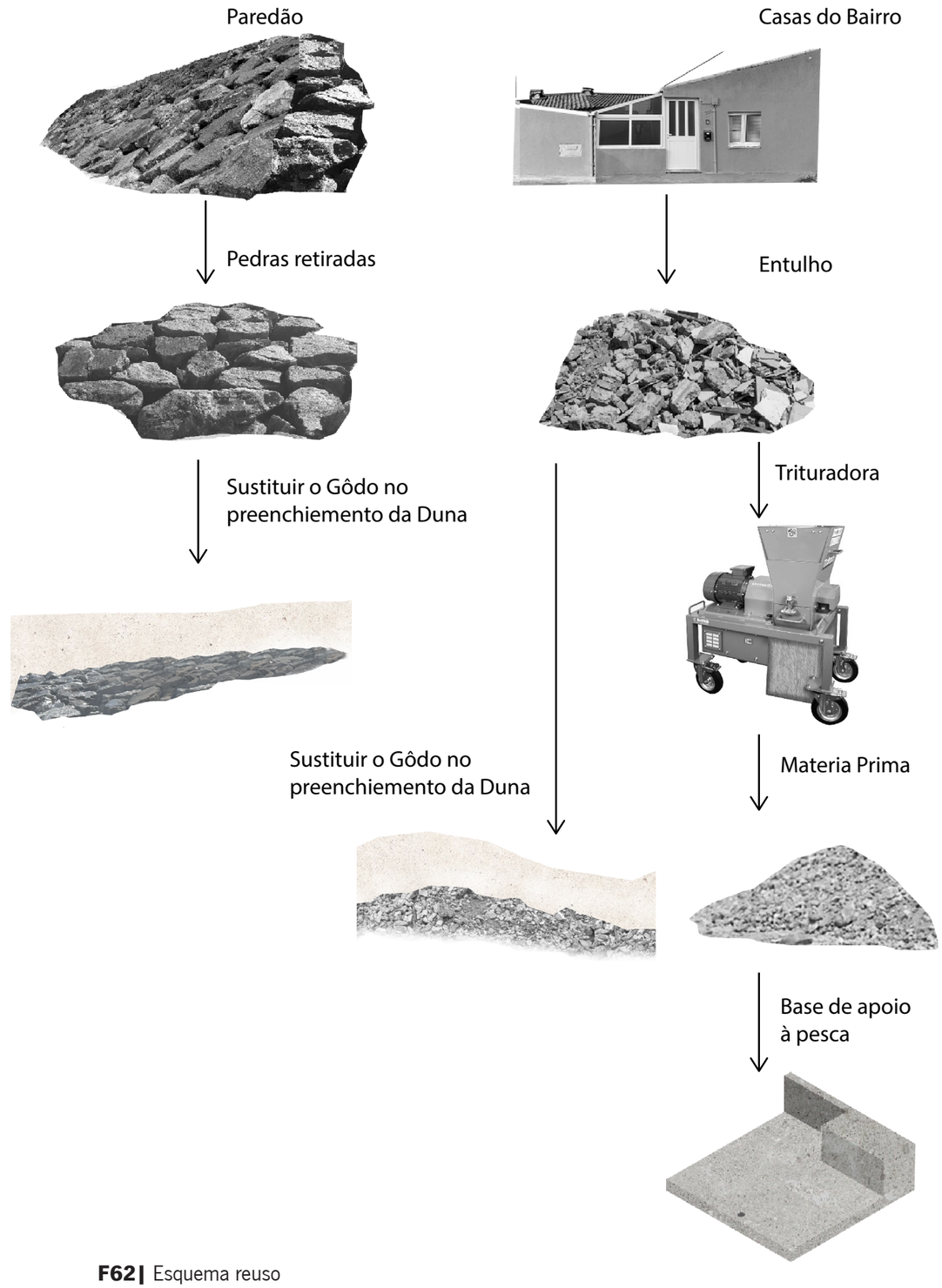
O primeiro momento envolve a transformação das restantes construções em muros de transição entre o passado e o presente da comunidade. O que no passado eram edificações habitadas por pessoas, passa a estruturas de suporte para a regeneração das dunas e da flora local.

A proposta passa por selecionar os muros e paredes estruturantes das antigas casas que se enquadram nas alturas de 1,2, 3 e 6 m. Além das alturas, esta seleção procura manter, de certa forma, a leitura do antigo alçado do bairro, criando novas dinâmicas e movimentos. Vale a pena ressaltar que a sua função no projeto não é apenas decorativa mas de suporte e apoio às dunas, processo este que será explicado no ponto seguinte.

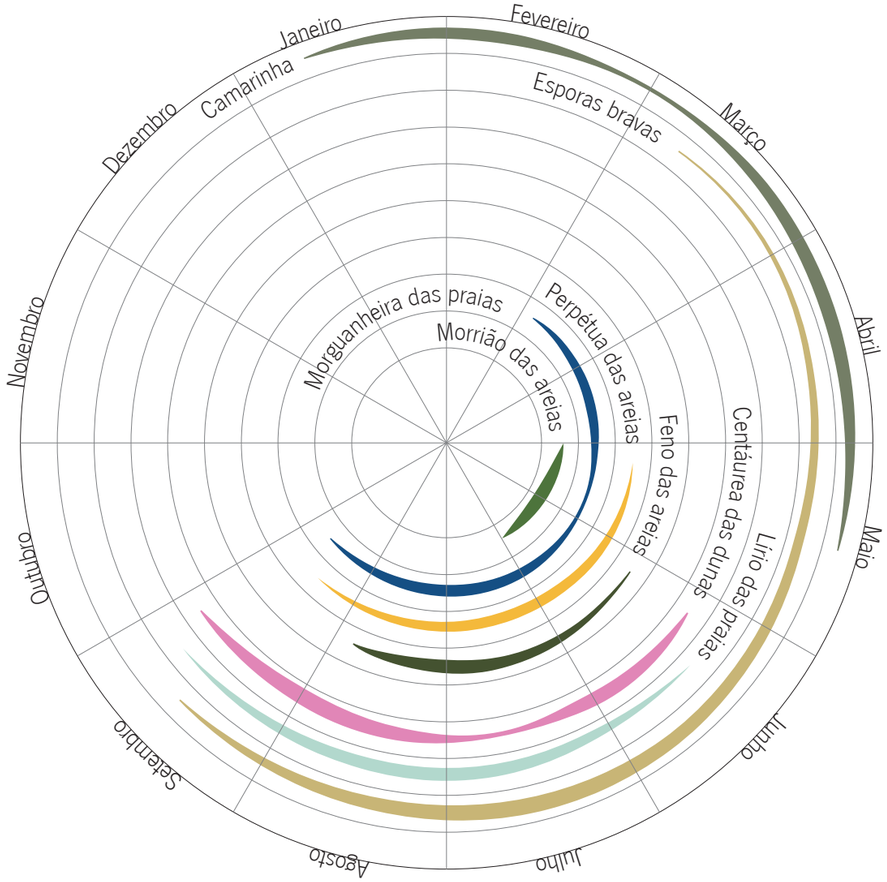
Os muros, com exceção dos que fazem a fronteira com a rua e alguns que delimitam os espaços dos apoios, são perpendiculares à costa. Tal permite que o vento passe e arraste as areias entre estas estruturas que ao serem barradas pelos muros paralelos, acumulam-se sem invadir a rua.

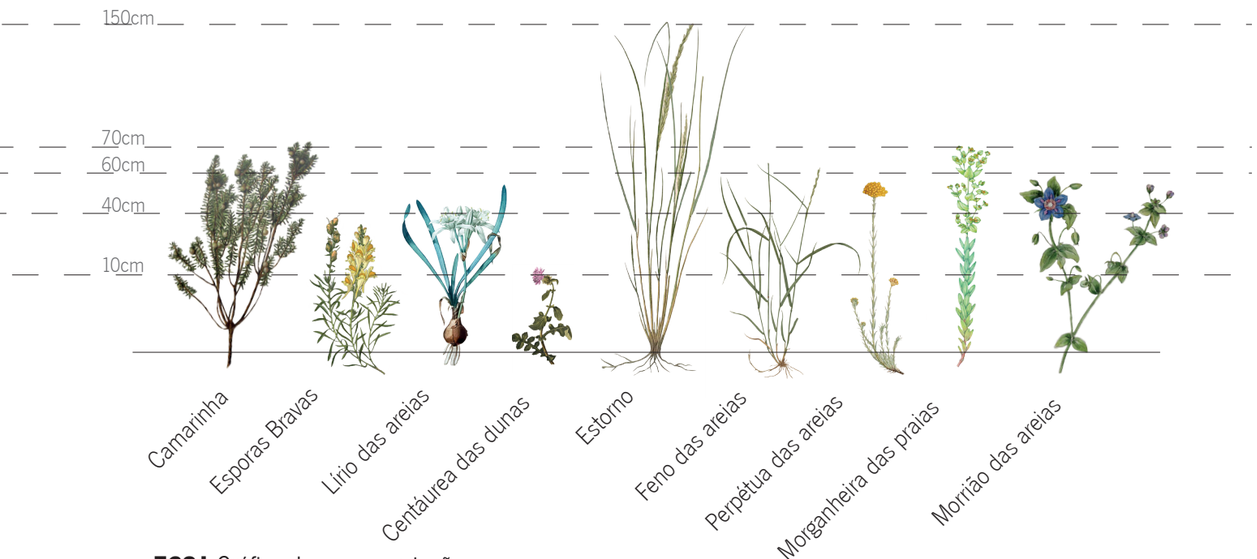


F61| Esquema muros



F62| Esquema reuso





F63| Gráfico da nova vegetação

Dunas

A renaturalização do ecossistema marítimo não é o último momento deste trabalho, mas é o mais importante para a sua consolidação. É através dela que todos os argumentos e análises citados até aqui, ganham forma. É também ela que estrutura toda a proposta.

Por se tratar dum sistema extremamente degrado, como já referido em capítulos anteriores, são necessárias algumas ações de preparação do solo, antes que a proposta seja realmente implementada. Estes processos passam pela limpeza da vegetação invasora e do lixo acumulado, a escarificação do solo compactado nas zonas onde tal seja necessário e, consequentemente, a reposição de areias, assim como a plantação de nova vegetação e a instalação de paliçadas de madeira para a sua fixação. Estas ações têm início após as demolições e obras de reforço estrutural, necessárias naquilo que era a primeira linha do bairro.

A limpeza passa pela retirada dos entulhos formados pela proposta e os que já se encontram no local, além da retirada manual dos chorões-de-praia e trevos-amarelos. Quanto à escarificação, é o processo de retirada de 50 cm do solo compactado e a colocação de uma nova camada de areia, com a mesma espessura. A areia a ser reposta seria idealmente retirada da praia. Porém, com a falta de sedimentos em Esmoriz, deverá vir de outra bacia sedimentar de Ovar.

Para além da reposição de areia, será necessário recriar a camada base das dunas, a parte rochosa que permite que o sedimento se acumule. Para isso, será utilizado o restante entulho retirado das construções, uma média de 6.000m³, para além das pedras do desmonte do paredão sul da praia velha dos pescadores, de modo a minimizar a diferença de cota entre a praia e as dunas. Tal permite que a sua formação aconteça de forma mais natural. Ao criar uma espécie de barreira com o entulho, o vento, ao bater na mesma, deixa a areia que assim, se vai acumulando.

A vegetação a ser plantada é talvez, a parte mais importante do processo. É através dela que a fixação das areias acontece de facto e que a camada de proteção criada pela duna é concretizada. Para perceber quais seriam as melhores espécies para a zona de intervenção, foi feita uma pesquisa de espécies autóctones da região norte e centro de Portugal de solo arenoso. De todas as espécies disponíveis foram escolhidas, para além do feno das areias e do estorno, que são primordiais para a fixação do ecossistema, espécies rasteiras (centáurea-das-dunas[10]) e arbustivas (camarinha[11]) com cores diversas para criar um certo dinamismo na paisagem, como o morrião-das-areias[12] e a perpétua-das-areias[13].

Para que o processo de renaturalização seja bem-sucedido, é necessário que o feno-das-areias e o estorno sejam plantados com 1 ou 2 anos de antecedência em relação à restante vegetação. Com feito, passado este tempo as raízes destas espécies já se encontram semidesenvolvidas e a trabalhar para a fixação da estrutura dunar, o que permite o fácil desenvolvimento das demais espécies (figura 67).

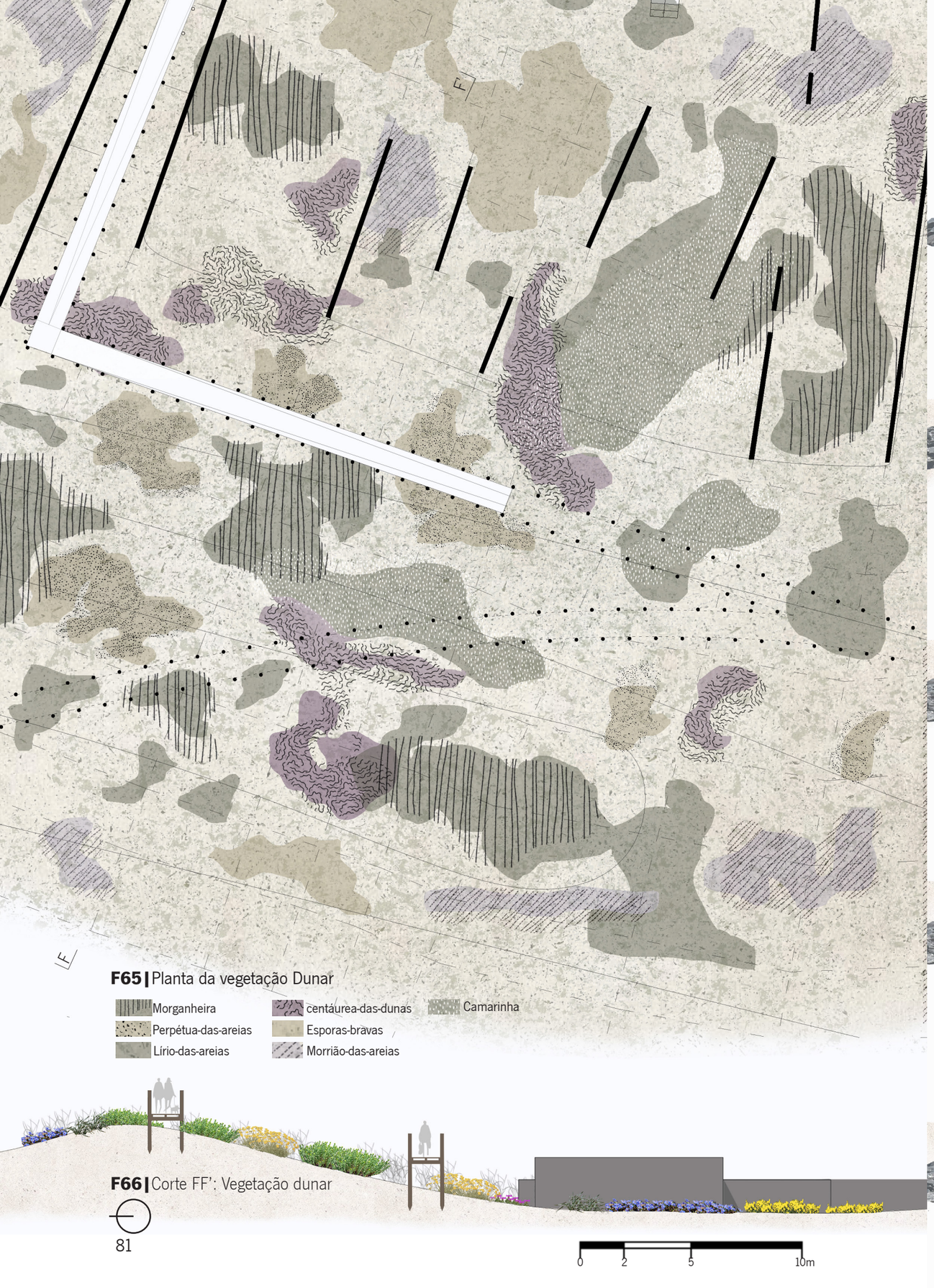
Todo o plantio em ecossistemas dunares, principalmente naqueles que se encontram em processo de regeneração, é efetuado através de uma malha regular chamada paliçadas de madeira. São elas que possibilitam o controlo do desenvolvimento da vegetação e, até à estabilização, manteem as areais firmes para que assim as plantas se possam desenvolver. Neste caso, este processo é feito pelos antigos muros e paredes que agora servirão de suporte para a fixação das dunas, sendo complementados pelas paliçadas que seguem o alinhamento dos muros e, por isso, não são uma estrutura regular.

10 *Centaurea sphaerocephala*
11 *Corema album*
12 *Anagallis monelli*
13 *Helichrysum stoechas*

F64| Planta geral da renaturalização dunar

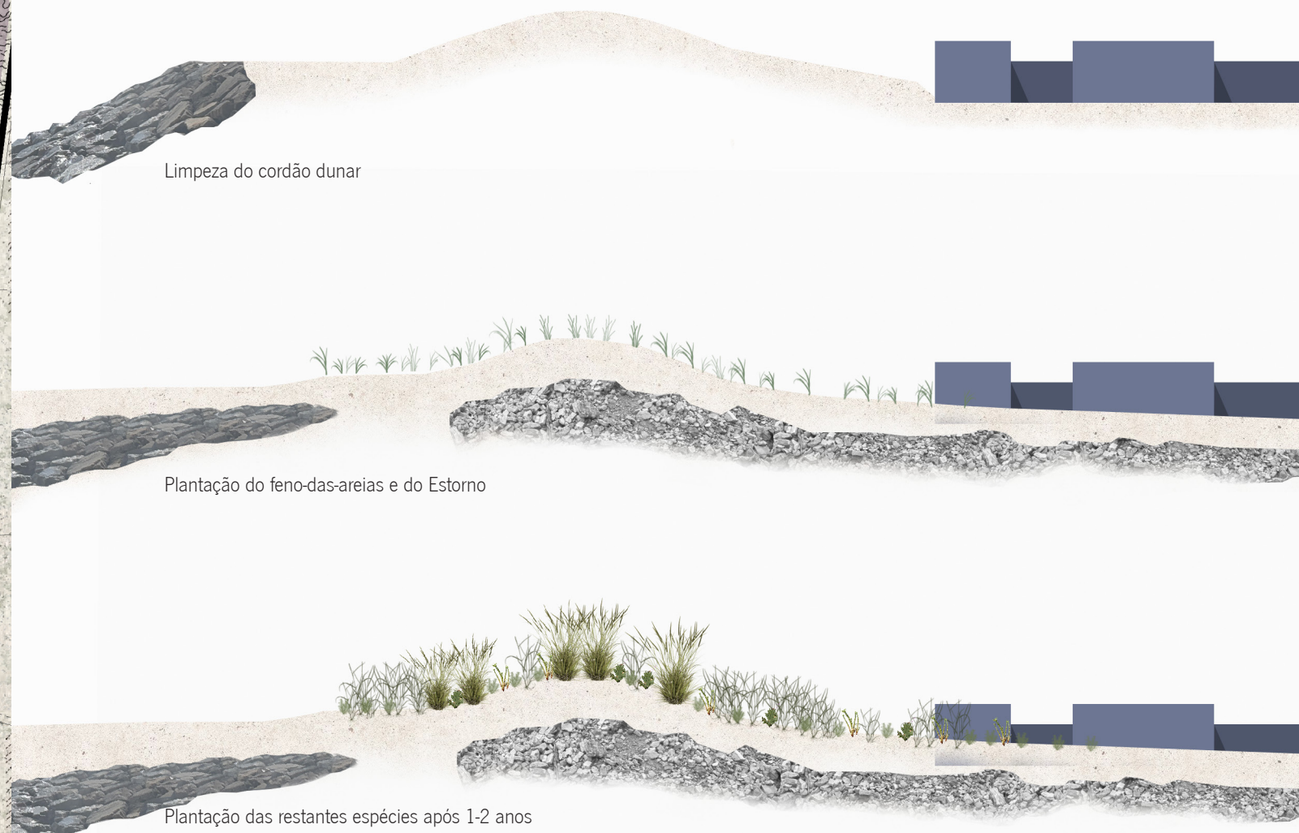
Armazém de apoio à pesca
Peixaria
Espaço de Reunião
Merceária
Instalações sanitárias
Restaurante
Café

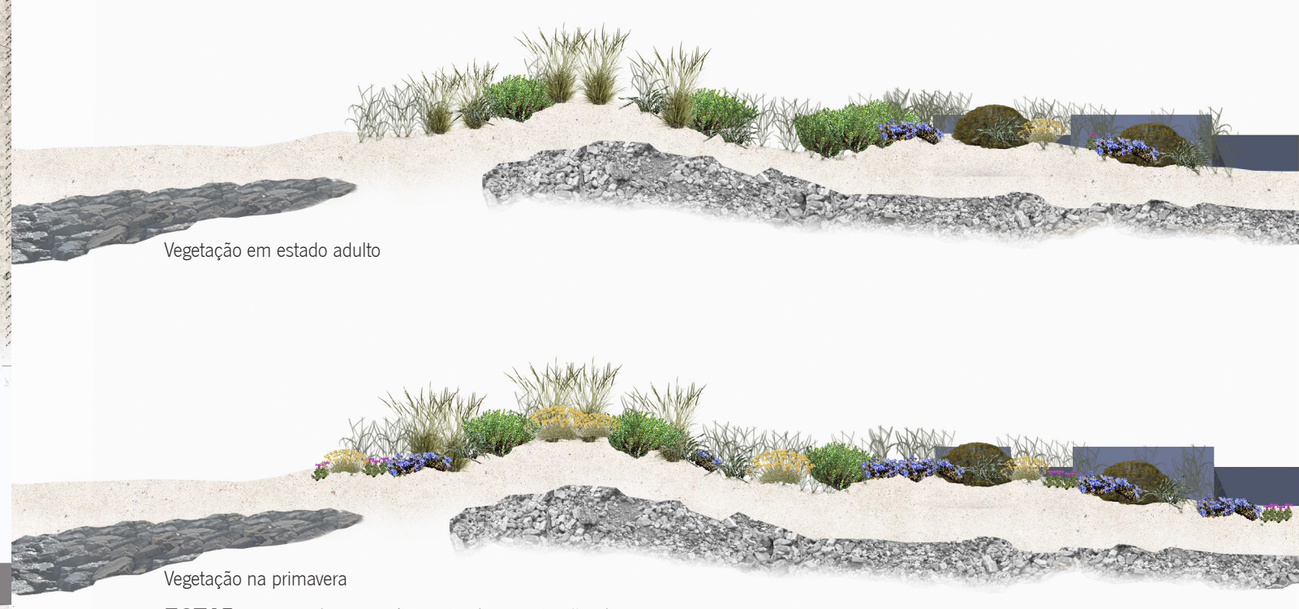
0 10 25 50



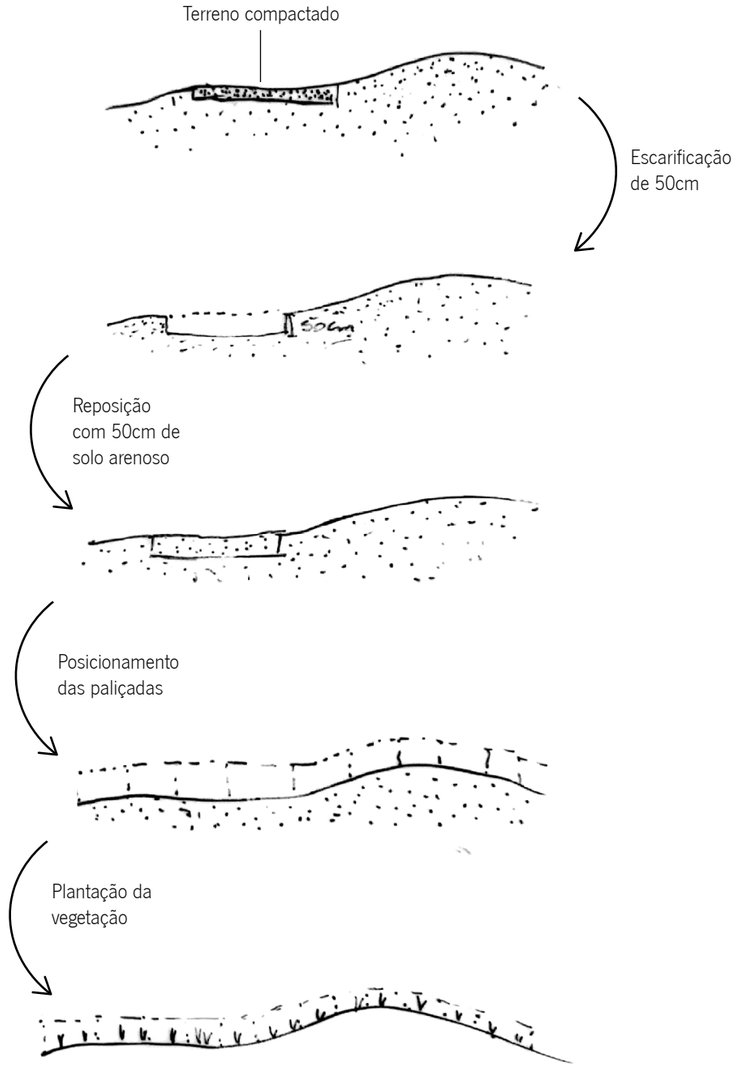
F65| Planta da vegetação Dunar

F66| Corte FF': Vegetação dunar

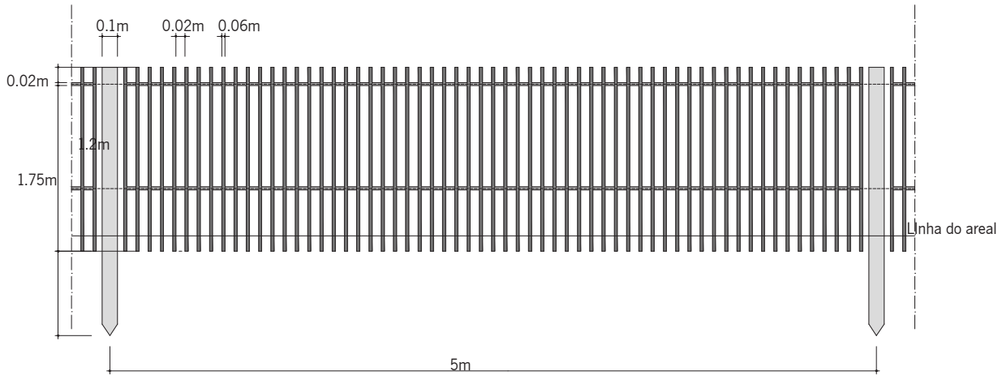




F67| Esquema desenvovlimento da vegetação dunar

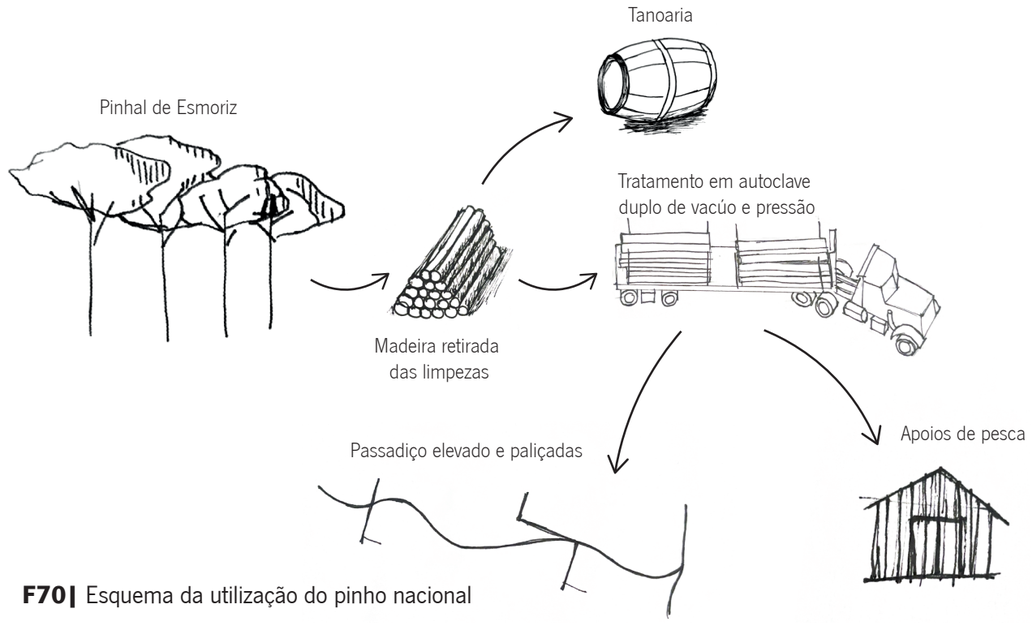


F68| Esquema tratamento dunar



F69| Pormenor construtivo das paliçadas de madeira de pinho nacional





F70| Esquema da utilização do pinho nacional

O Percurso

Após o plantio e todo o processo de preservação do cordão estar concluído, este não pode ser calcado e por isso a implementação de um percurso elevado que permita o acesso à praia, ao esporão e às zonas de apoio sem prejudicar as dunas é de extrema importância.

Este percurso percorre a extensão do sistema dunar de forma sinuosa fazendo alusão à ondulação do mar e contrastando com a rigidez das estruturas de suporte a fixação dunar. São feitos 3 acessos à praia, sendo um destes destinado a embarcações de pesca e 1 acesso ao esporão de modo a permitir a pesca no mesmo. Os acessos à praia são feitos a partir de rampas para assegurar a acessibilidade.

Quanto ao sistema construtivo do mesmo (figura 73), por se tratar de uma estrutura temporária e elevada a sua construção é feita através de passadiços em madeira de pinho nacional, retirado da limpeza dos pinhais de Esmoriz, com tratamento autoclave em estacaria com espaçamento de 1.2m entre elas. O corrimão é feito em corda marítima reutilizada da comunidade local.

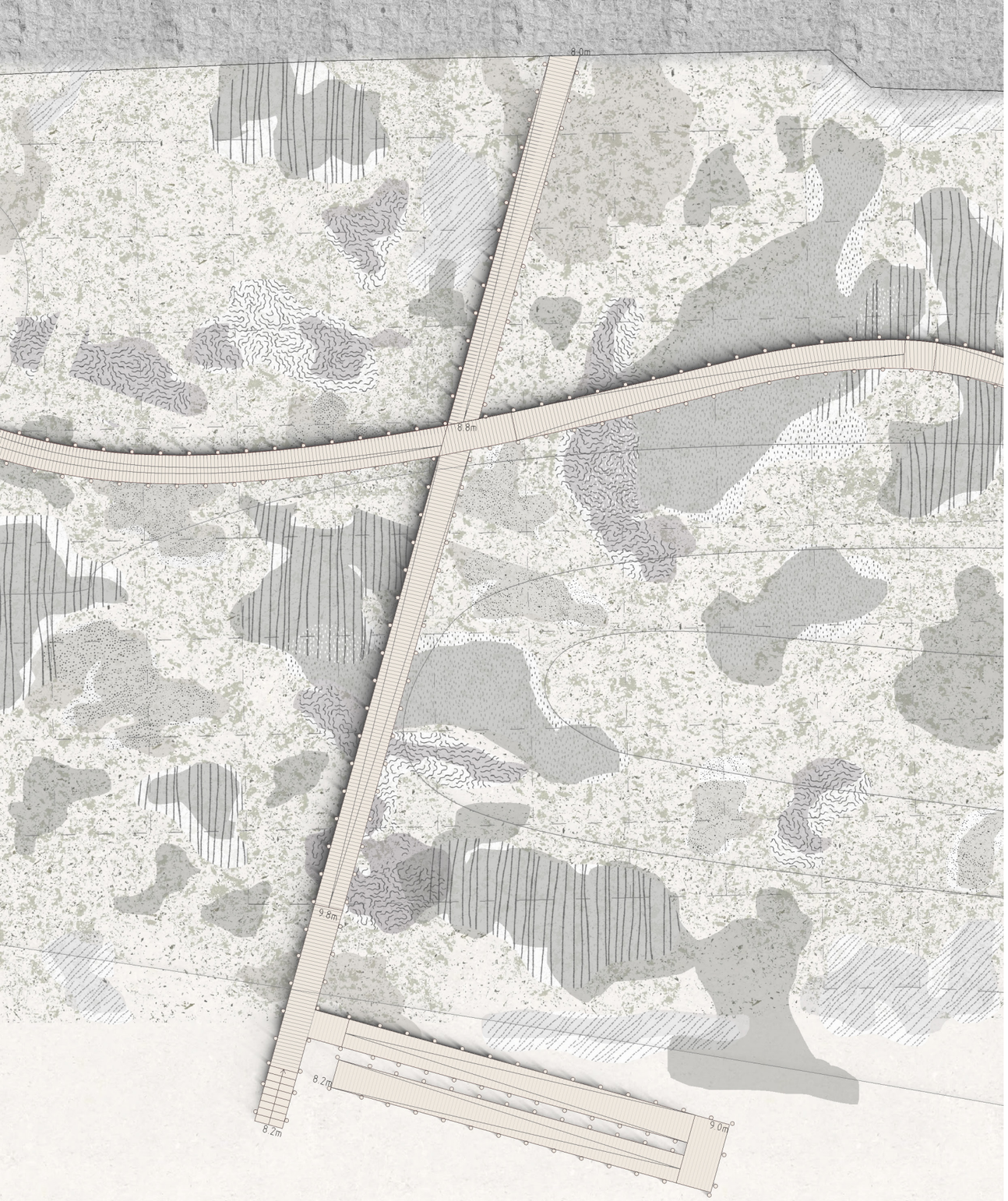
O Desmonte da Estrutura de Proteção

Enquanto projeto de renaturalização da costa desenvolvido a partir da inevitável subida do mar, é natural que coloque em causa o tema das estruturas de proteção. No caso deste trabalho, é proposto o desmantelamento do paredão que, atualmente, tem menos impacto na salvaguarda da costa. Sendo este o paredão mais a sul da praia velha dos pescadores e também, o mais baixo entre todos os construídos nesta região.

O seu desmonte visa a reintegração do sistema dunar a praia, de modo que este seja o sistema de proteção principal deste espaço, suavizando assim e o atual afastamento entre o bairro e o mar. Para que isso aconteça, as pedras que se encontram aglomeradas na estrutura serão dispersas sob o areal, criando a altura necessária para minimizar a diferença de cota para depois ser coberta por areia, à semelhança do que será feito na regeneração dunar.

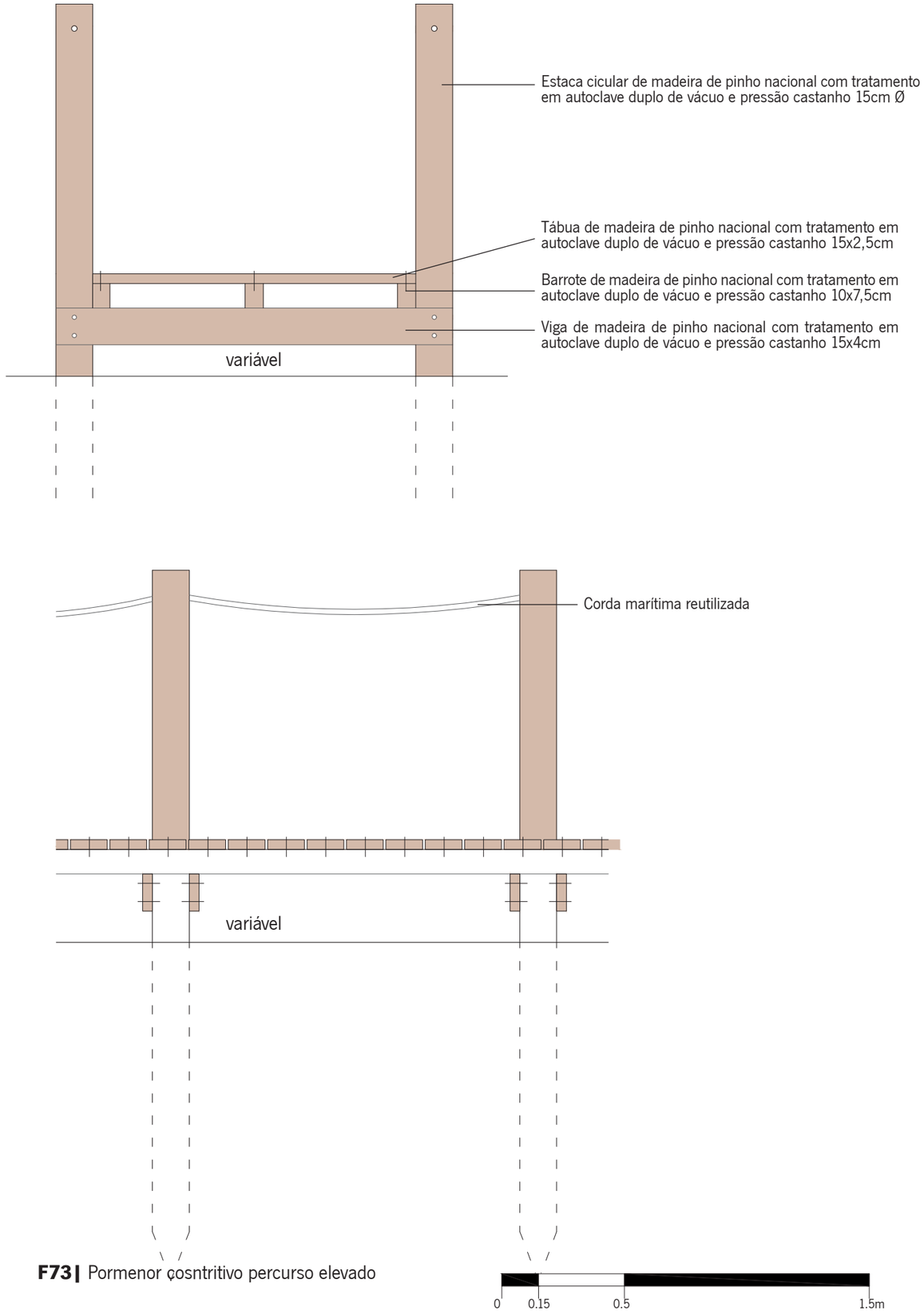


F71| Planta geral do percurso



F72| Planta do ponto de acesso à praia

0 2 5 10m



F73| Pormenor çosntritivo percurso elevado

0 0.15 0.5 1.5m



F74| Corte GG'



F75| Corte HH'

0 2 5 10m

Considerações finais

Por fim, este projeto é a soma de todas as partes citadas até o momento, de forma a transformar a orla marítima de Esmoriz num espaço utilizável, mas sem agredir um ecossistema tão frágil como é o marítimo. Através desta proposta, espera-se que seja possível repensar a forma de lidar com estes espaços noutros projetos de renaturalização, para que estes sejam feitos a pensar em quem ali habita e nas necessidades locais.

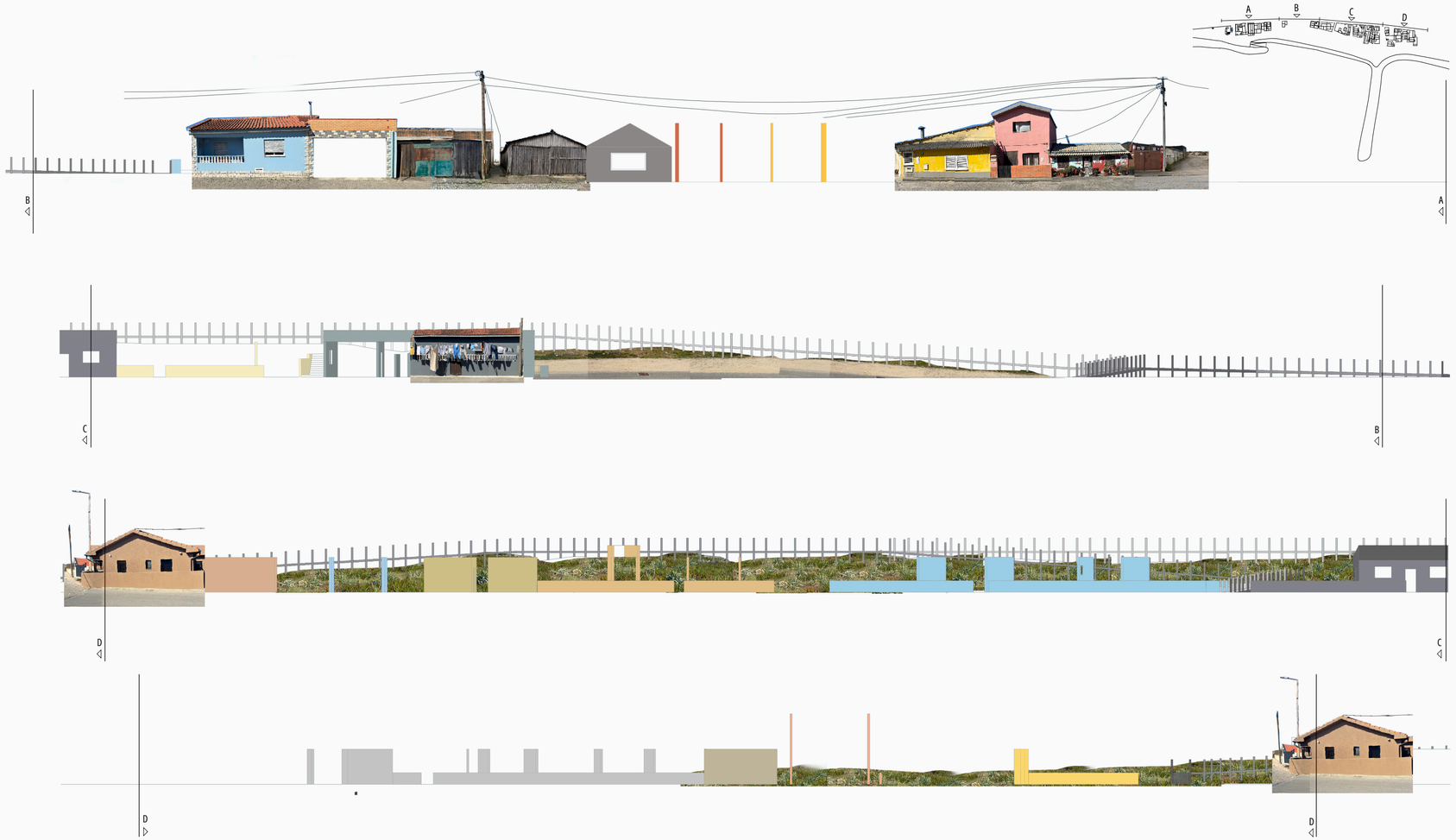
A renaturalização da costa marítima de Esmoriz trabalha em diferentes escalas e aborda diferentes tópicos, para assim, conseguir responder à complexidade de detalhes e temas que foram inseridos e interconectados para formar o território que hoje conhecemos. Através de toda a análise teórica e desenhada desenvolvida até aqui, fica claro o papel de cada subtópico escrito no contexto em que se insere. O trabalho desenvolvido pretende identificar o que se pode fazer para melhorar a qualidade de vida e a segurança de quem utiliza a costa, mas também, os passos e decisões que precisam ser tomadas para salvaguardar o território.

Num país que se desenvolveu a partir da costa e do mar e que é um dos que mais sofrem com o tema da erosão costeira, é de extrema importância que seja dada a devida importância às necessidades da mesma, não só no que respeita ao défice sedimentar como à gestão da saúde dos cordPes dunares. para que, assim, seja possível aprender com estes sistemas e não destruí-los com a construção de sucessivas estruturas de proteção.

Durante o desenvolvimento deste trabalho de projeto aprendi muito e deparei-me com inúmeras questões que tive de pesquisar e aprofundar, antes de dar resposta ao trabalho em si. Desde a forte relação identitária de uma comunidade com o meio em que se insere até à formação do cordão dunar, a causa dos problemas sedimentares e da erosão costeira e o tipo de vegetação do ecossistema marítimo foram todas de grande importância para o desenvolvimento desta investigação.

Ao iniciar este trabalho, pouco entendia da complexidade e simplicidade que englobam o meio marítimo ou a sua relação com a arquitetura. Porém, ao terminá-lo compreendo que a arquitetura funciona aqui como um elemento conector. Indo muito além do objeto construído, este é apenas o culminar de toda a intervenção.

A arquitetura procura assim voltar a conectar a comunidade com a sua envolvente, de forma que ela não viva apenas de memórias, mas possa criar novos vínculos e estabelecer novas vivências e pertenças com o local. Que através das infraestruturas de pertença, os moradores do bairro piscatório possam continuar a habitar a costa sem que isso ofereça um risco para ambos. E assim, continuar as suas vidas mesmo após a inundação da linha de costa atual.



F76| Alçado final da proposta

2050

Por se tratar de um projeto efémero, assume-se também a forma que, após a subida esperada das águas, esta faixa tomará. Por isso, é feita uma simulação daquilo que poderá ser a visão aérea do bairro em 2050.

Apesar da subida do mar em 20 anos ser avaliada em cerca de meio metro[14], numa zona que já é susceptível a inundações atualmente, tal representa um risco. Entendendo-se que o mar tem uma variação de alguns metros em épocas de maré alta e baixa, que, esta variação acentua-se em períodos de tempestades e tendo em consideração a planta de risco de cheia disponibilizada pela APA e já referida nesta tese (figura 41), para o efeito de um exercício hipotético do que seria o bairro dos pescadores de Esmoriz em 2050, assumiu-se uma elevação de 2.5m no nível do mar. Tal gera um bairro parcialmente alagado, com todas as suas estruturas visíveis, mas submersas.

14 Site disponibilizado pela APA (agência português do ambiente) com simulações de cidades portuguesas afetadas pela potencial subida do nivel do mar em 2050 e 2100. Experience. (n.d.). https://experience.arcgis.com/experience/73ae13af80ef472198af558848f16305/page/Ano-2050



F77| Planta especulativa. Esmoriz 2050

REREFENCIA DE FIGURAS

F01| Autoria da autora

F02| Fotografia aérea retirada do google earth com manipulação da autora

F03| Fotografia da capela da praia, Esmoriz. Manipulada pela autora. Retirada de: Junta Freguesia de Esmoriz. (2022, May 12). Religioso | Junta Freguesia de Esmoriz. Junta Freguesia De Esmoriz. https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/religioso

F04| Fotografia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Esmoriz. Manipulada pela autora

F05| Autoria da autora

F06| Autoria da autora

F07| Suposição de localização do bairro ao longo dos anos manipulada pela autora e com base na cartografia retirada da tese de Amorim Dos Reis, A. R. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear Espinho, Esmoriz e Furadouro. Pg.74 img.69; pg.80, img.75; pg.94, img.90.

F08| Restos da antiga capela (hoje extinta) vemdo-se ao fundo a torre da atual. (1957). Jornal A voz de Esmoriz, no25,p38.

F09| Imagem retirada da internet. Fonte: Um "aglomerado" de palheiros junto às dunas de Esmoriz.: 1938. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html

F10| Dois palheiros erguidos no vasto areal esmorizense.: 1907. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html

F11|Alguns palheiros localizados junto à costa esmorizense. ano de 1970. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2017/01/perolas-historicas-de-esmoriz-i-o-mar.html

F12| Linha de palheiros cuja construção foi ordenada pelas autoridades marítimas em 1942. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2017/01/perolas-historicas-de-esmoriz-ii-os.html

F13| A antiga capela da praia de Esmoriz, datada de 1866. (n.d.). http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Aveidistrito/Galeria/Esmoriz1.htm

F14| Em pleno verão, as romarias traziam alegria ao povo que se divertia junto aos palheiros.: 1907. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html

F15|Um cidadão vareiro vagueia em torno da sua presumível habitação. foto datada do ano de 1958. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html

F16| Arte xávega e palheiros - duas tradições que foram irmãs no desenvolvimento de Esmoriz. foto datada do ano de 1958. (n.d.). As Cusquices De Esmoriz. https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html

F17 - 26| Autoria da autora

F27| Montagem da carta geológica 13A e 13C

F28| Figura retirada da revista Dunas: Temas& perspectivas

F29-38| Autoria da autora

F39| Planta da amostra trabalhada com base na planta de zonas inundáveis do PDM de Ovar

F40| Planta da amostra trabalhada com base na planta de salvaguarda do PDM de Ovar

F41| Planta da amostra trabalhada com base na planta de cheias e inundações do POOC Ovar-Caminha

F42-47| Autoria da autora

F48-50| Desenho desenvolvido na fase de grupos, por autora, Isabela Coutinho e Margarida Silva.

F51-76| Autoria da autora

F27| Desenho alterado pela autora com base na mancha de inundações da planta de cheias e inundações do POOC Ovar-Caminha, retirada de: https://apambiente.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=5f4719ecda704e949fc6ee3d61fb3cf4

Bibliografia

Sites

Análise Custo-Benefício para Definição de Cenários de Adaptação às Alterações Climáticas de Troços Costeiros em Erosão (COBE) | Agência Portuguesa do Ambiente. (n.d.). https://apambiente.pt/agua/analise-custo-beneficio-para-definicao-de-cenarios-de-adaptacao-alteracoes-climaticas-de

Autarquia. (n.d.). Site Autárquico da CM Ovar PDM - Plano Diretor Municipal. https://www.cm-ovar.pt/pt/menu/2780/pdm—plano-diretor-municipal.aspx

Conjunto Habitacional da Praia de Esmoriz. (2011, Outono 12). Com.pt. https://anteprojectos.com.pt/artigos/53406/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmoriz

De Gaia, P. B. (2019, February 19). Conservar. https://parquebiologico.pt/pda-dunas-aguda/conservar-as-dunas

Destruição da costa na Praia de Esmoriz. (n.d.). https://arquivos.rtp.pt/conteudos/destruicao-da-costa-na-praia-de-esmoriz/

Experience. (n.d.). https://experience.arcgis.com/experience/73ae13af80ef472198af558848f16305/page/Ano-2050

Flor, A. (n.d.). Erosão Costeira: “Nenhuma solução é perfeita”, mas é preciso ouvir “quem é afectado.” PÚBLICO. Retrieved December 5, 2026, from https://www.publico.pt/multimedia/interactivo/reportagem/erosao-costeira-nenhuma-solucao-perfeita-mas-preciso-ouvir

Linha de costa em situação de erosão | Relatório do Estado do Ambiente. (n.d.). https://rea.apambiente.pt/content/linha-de-costa-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-eros%C3%A3o

Oliveira, S. D. (2002, February 5). Bairro dos pescadores de Esmoriz vai abaixo. PÚBLICO. https://www.publico.pt/2002/02/05/jornal/bairro-dos-pescadores-de-esmoriz-vai-abaixo-167120

POOC Ovar - Marinha Grande | Agência Portuguesa do Ambiente. (2022, December 14). Apambiente. https://apambiente.pt/agua/pooc-ovar-marinha-grande

Site Autárquico da CM Ovar PDM - Plano Diretor Municipal. (2024, June). Ovar Camara Municial. https://www.cm-ovar.pt/pt/pt/menu/2780/pdm—plano-diretor-municipal.aspx

Soares, A. A., Lopes, F., & GóMez, G. (2023, April 17). Mar. Os desafios de um mar que não pára de subir. PÚBLICO. https://www.publico.pt/2023/04/17/infografia/desafios-mar-nao-subir-759

Tomás, C. (2022, abril 12). “Daqui a anos, um metro a mais de mar significa o Terreiro do Paço alagado”: Portugal perdeu 13 quilómetros quadrados de costa em 62 anos. Expresso.pt. https://expresso.pt/sociedade/2022-12-04-Daqui-a-anos-um-metro-a-mais-de-mar-significa-o-Terreiro-do-Paco-alagado-Portugal-perdeu-13-quilometros-quadrados-de-costa-em-62-anos-6c2d008e

Webfototeca. (n.d.). https://geo5.dgterritorio.gov.pt/fototeca/#

Revista

Araujo, M. A. (2006, November). Algumas divagações sobre as dunas de Ovar. Dunas - Temas&Perspectivas, Ano IV, no6, 75–88.

Trabalhos académicos

Almeida Andrade, N. R. (2014). A evolução de povoações costeiras no litoral da região Centro de Portugal. o caso de estudo das praias de Esmoriz e Cortegaça [Dissertação de Mestrado]. Instituto Superior Técnico de Lisboa.

Amorim Dos Reis, A. R. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear Espinho, Esmoriz e Furadouro [Thesis].

Duarte Pereira, D. A. (2011). Projecto de Representação e Interpretação das dinâmicas Costeiras do Perímetro Florestal das Dunas de Ovar [Tese de Mestrado]. Universidade do Minho.

Sousa Ferreira, C. M. (2018). A Orla Marítima de Ovar: Sistemas de Proteção de Costa enquanto Lugares. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Minho.

Tavares Vieira, J. (2014). Interpretação e Representação da Inconstância do entre terra-água de Ovar [Tese de Mestrado]. Universidade do Minho.

Torres Do Monte, E. (2015). Os Lugares de Cedovém e Pedrinhas: Do Reconhecimento do Lugar à Intervenção [Tese de Mestrado, Universidade do Minho]. https://repositorium.uminho.pt/entities/publication/835028c1-3e4e-4fd4-a4c5-86d4c9a90c0b

Videos

Aveiro TV. (2013, December 23). Lançada primeira pedra do novo bairro dos pescadores de Esmoriz [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=izH5EmxK7Vg

Bairro piscatório de Esmoriz. (1991, October 8). Retrieved November 20, 2025, from https://arquivos.rtp.pt/conteudos/bairro-piscatorio-de-esmoriz/

Destruição da costa na Praia de Esmoriz. (1991, October 8). https://arquivos.rtp.pt/conteudos/destruicao-da-costa-na-praia-de-esmoriz/

tino59nadador. (2010, November 1). cataratas em esmoriz.mpg [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=BhwwamOk_IY

Livros

Barlow, N., Regen, L., Cadiou, N., Chertkovskaya, E., Hollweg, M., Plank, C., Schulken, M., & Wolf, V. (Eds.). (2022). Degrowth & strategy: How to bring about social-ecological transformation. MayFly Books. doi.org

Nelson, A., & Schneider, F. (Eds.). (2019). Housing for degrowth: Principles, models, challenges and opportunities. Routledge.

Schmelzer, M., Vetter, A., & Vansintjan, A. (2022). The future is degrowth: A guide to a world beyond capitalism

ANEXOS

ENTREVISTAS EM ESMORIZ FEITAS PELO GRUPO (a autora, Isabella Coutinho e Margarida Silva)

6º audio (no conjunto de casas sociais de realocação da primeira faixa da costa)

Margarida - Olá, boa tarde (boa tarde), nós somos 3 estudantes da Universidade do Minho e estamos a fazer um trabalho para a nossa tese final e gostaríamos de saber se vocês têm alguma relação com a atividade piscatória.

Senhora 1 - Olha já fiz muitas vezes isto mas agora já nem me lembro; a gente já no tempo passado viveu ali por muitos anos, era palheiros... já fiz tantas entrevistas, e agora já nem me lembro... A minha prima sabe falar melhor, que ela é pescadora; mas agora tá doente... Olha lá (pergunta para a prima), já não me lembro do tempo da nossa pesca, elas querem uma entrevista sobre a atividade piscatória. Eles já acabaram com tudo.

Senhora 2 (prima)- Já até fiz uma entrevista para o jornal...

Margarida- se puder partilhar um bocado então a sua história conosco...

Isabela - então, ainda trabalham de alguma forma com a pesca, mesmo que por laser?

Senhora 2 - não, estou doente, mas...

Senhora 1- mas é assim: nós aqui agora só temos 1 barco, em Esmoriz acabaram com quase tudo. Porque é assim, os donos do barco também pararam, alguns morreram; trabalhei por muitos anos no ?arranjo? ali, mas muita gente que conhecia já morreu e os filhos agora não querem nada disso. Só quem tem um barco é lá os filhos do... lá no Furadouro, mas aqui em Esmoriz não temos quase nada.

Isabela - uma pena, mas vocês então acham que esta realocação para o novo bairro foi boa ou não muito?

Senhora 1 - Foi bom.

Senhora 2 - É, foi muito bom, porque nós lá vivíamos nuns barraquinhos e não tínhamos assim as condições que temos aqui, é verdade; a gente andava sempre a se proteger, o mar vinha a bater, caía nos telhados, a gente andava ali... prontos, então não tínhamos as condições que temos aqui. Mas, para lhe ser sincera, eu preferia o meu cantinho ali...

Senhora 1 - estávamos habituados ali, foram muitos anos...

Senhora 2 - Ainda de manhã ela na água do mar a surfar e eu ia lá aos montes de areia: bora comer!!

Senhora 1 - (risos) sim, aquelas zonas que tínhamos por ali fora...

Isabela - e o que é que sentem mais falta desta relação com o mar?

Senhora 2 - eu sinto mais falta é do meu cantinho, mesmo. Eu punha a roupa a secar e tava a ver o mar...

Senhora 1- tínhamos cordas lá nos montes, e víamos o mar, a ?canaleta/canalha? a tomar banho... tempos que vão e não voltam, custa muito - criar os nosso filhos, lavar a mão lá...

Senhora 2 - havia mais humildade, mais camaradagem...

Senhora 1 - sim, mais amor, acho que as pessoas agora... eu vou vos dizer: as tecnologias são precisas, mas às vezes nem tanto...

Isabela - e sobre esta questão da comunidade, vocês acham que é possível criar alguma estrutura que reforce a conexão das pessoas como antes? Algo feito para toda a comunidade?

Senhora - Não, querida, não há como... já não é como antigamente a mentalidade das pessoas. O tempo dos nossos pais, que a minha mãe cozinhava à minha tia, às outras pessoas, à ?Lume?...

Senhora 1 - ai meu Deus, queria ver as minhas filhas a aquecer a comida...

Senhora 2 - Tínhamos aquele café, o café "Borra"...

Senhora 1 - tempos que vão e não voltam, temos muitas saudades disso

Senhora 2 - era muito bom o tempo dos nossos pais...

Senhora 1 - meu pai fez aquela casinha, aquela ali de azulejo, com tanto sacrifício para nos criar... e sabes o que nós fazíamos: íamos viver para um palheiro naquela zona, que ele fez, alugava isto com água e luz, e nós íamos viver os 3 meses de verão a candeeiros, à velas de antigamente!! E andávamos a pedir às senhoras que alugavam as casinhas pão, fruta, ai estes tempos...

Senhora 2 - E naquela época não tínhamos televisão, a única televisão que havia era num Tacho que havia ali, e a gente ia lá ver a televisão e a mulher tava-nos sempre a esculachar (risos) ou íamos ver a minha tia.

Senhoras 1 - É, a minha mãe foi a primeira de nós a ter televisão

Senhora 2 - e a minha tia não nos deixava sentar no sofá! Era no chão...

Senhora 1 - Pois era no chão, e a minha mãe foi a primeira a comprar uma televisão, na Philips, e nós, quando dava Fátima, íamos todos para lá, para a sala, assistir (risos)

Senhora 2 - Porque isto não é nada do que é agora, isto agora mudou muito. Tínhamos lá o Campismo, que era ali, depois outras coisas lá (...)

Senhora 1 - mas acho que éramos mais felizes...

Senhora 2 - não há tanta humildade, não há aquelas amizades que a gente notava que eram amizades, agora não... agora é uma falsidade de todo tamanho, porque é assim: quanto mais têm, mais querem, depois também só pensam neles e há muito egoísmo.

Isabela- É assim, nós somos estudantes de arquitetura, e o nosso objetivo era esse, tentar encontrar alguma forma de reviver ou de contribuir para este senso de comunidade que os pescadores tinham, ou maior solidariedade e autonomia entre as pessoas que agora está a se perder... por isso, vocês acham que algum projeto de habitação ou infraestruturas poderia de alguma forma ajudar? Alguma estrutura comunitária para as pessoas que precisam mais ou assim, para os pescadores que ainda trabalham nisso?

Senhora 1 - Pois, pois, isto era preciso, nós agora temos um centro ali que ajuda com alimentos, para as pessoas que mais necessitam...

Isabela - E se fosse mais habitação, acham que valia a pena?

Senhora 1 - Olha fizeram estas, **mas era para fazerem aqui mais 30**. Eram 60, estas aqui são 30. Mas nunca mais ouviu-se nada sobre isto...

Isabela - e se fosse possível fazer, acham que valia a pena?

Senhora 2 - sim, sim

Senhora 1 - então, estão tantos casais, jovens que não conseguem pagar uma renda, que para eles isto...

Senhora 2 - Sim eles iam ter que pagar a renda, mas era menos...

Isabella - e iam preferir o pessoal que já é daqui ou podia ser qualquer pessoa?

Senhoras (ambas) - **não, não, não, pessoas de fora acho que não**

Senhora 1- foi muito mal feito. Há pessoas aqui a viver que não é daqui, que não é barreiro, não era pescador, era de paramos, outros daqui, outros só lá de cima...isso já não acho justo, devia ser da zona

Senhora 2 - a comunidade piscatória precisa mais, nós nascemos aqui e vamos morrer aqui, se Deus quiser não é, e há muitas necessidades nas pessoas piscatórias... e muitos dos governantes não vêem isto, não vêem mesmo! E se os nossos filhos, graças a Deus, estão todos encaminhados, nós...

Senhora 1 - pá não há trabalho, olha, trabalhamos 4 meses no verão, agora está parado... Do que é que eu vou viver? Pagar aluguel...

Isabella - pois... mas então a vossa relação com o mar ainda é de proximidade ou já não?

Senhora 2 - sim,sim, a gente gosta, mas custa muito ir ali ver o mar, no sítio onde eu vivia, fico muito triste, ver que foi tudo abaixo...

Senhora 1 - Nós para caminhar até lá tínhamos que levar quase meia hora para tomar banho, uiiii... era lá nas bainhas

Senhora 2 - pessoal passava muita fome, necessidade, não tinha tempo de fazer outras coisas, mas éramos mais felizes

Senhora 1 - Meu pai trabalhou em Matosinhos até os 55 anos.

Senhora 2 - o pouco que havia para comer, nós dividíamos...

Senhora 1 - nós ajudávamos uns aos outros!! Tu tinhas um bocadinho de dinheiro e era: “olha vai lá buscar o frango e fazemos um tacho de massa”, que dava para duas famílias, e agora não...

Senhora 2 - **Nós íamos fazer sopa e dávamos para todos, havia aquela cumplicidade, camaradagem.** Agora estes jovens tá tudo estragado, tá tudo... eles agora já nem sabem o que é passar fome, o que é mesmo passar mal...

Senhora 1 - e agora já nem querem sopa! Nós comemos, mas eles é pizza, é hamburguer (risos), é batata frita...

Senhora 2 - Eles já nem querem peixe!!

(...) (Conversas paralelas com outros vizinhos)

Senhora 1 - **olha esta aqui, o marido traz peixe de Matosinhos, queremos umas sardinhas e ela ainda vende-nos!** Vende as sardinhas para nós assarmos, vai vender aqui à porta... é a única que ainda faz isto, apesar do marido já estar reformado e tudo. Vende mais baratinho, nós vamos lá e compramos!

Isabela - e é o trabalho principal?

Senhora 2 - sim, é o trabalho principal dele

Isabela - e como é que vocês vêem o futuro desta comunidade?

Senhora 2 - Acho que só vai piorar... acho que não vai melhorar, só se houver uma grande reviravolta! Isto é a mentalidade de cada um, nem todos pensamos da mesma maneira; ainda há aquela mentalidade de: se vier um carro a parar na porta, pensam “olha quem será que é, é a “manta”?, estas porcarias... mas é o que eu digo, nós quando éramos pequenitos não tínhamos fatos de banho nem nada para tomar banho, era cuecas e toalhas, mas éramos tão felizes...

Senhora 1 - para nós, as toalhas eram a areia quentinha...

Senhora 2 - meu avô tinha lá barcos e isto, então nós íamos pedir às senhoras um bocadinho de pão e ela levava (risos nostálgicos) a gente era feliz, dividíamos e tudo

Senhora 1 - sabe o que é que eles ganhavam na Barrinha? Que dava muito dinheiro? As enguias.. olha, as rolhas que dei como menina, às calcadelas,(...) e às vezes elas escorregaram na água (risos), temos saudades... ai, meu pai à fisga... os ?rebacos? que eram tão bons...

Senhora 2 - meus pais era assim, não tinham muito que nos dar a comer, mas o que tinham sabia-nos pela vida!! Agora não... eu acho que os filhos agora é: nem respeitam os pais nem nada, não há respeito! É só andar aí nas redes sociais e não sei o quê...

Senhora 1 - uma criança de 2 anos nos telemóveis sabe mexer melhor que eu, que tenho 59 anos!!

Senhora 2 - mas depois na escola, não aprendem nada...

(chega a filha da senhora 1) (...) - conversas paralelas

Senhora 1 - mas como antigamente, nunca mais, acho que tempos vão e não voltam...

Isabela - mas então acham que há algum ensinamento vosso, relacionado com esta comunidade da pesca, que possam nos dar? Que nós não temos ou já perdemos? Sobre a comunidade ou sobre a forma como era o trabalho?

Senhora 2 - sim, sim, a gente tem saudades é disso, a gente queria é isso, isso fazia-nos felizes, a gente ia buscar um bocado de peixe ou ia à loja, chegamos a puxar à mão a corda da pesca...

Senhora 1 - botávamos o barco ao mar, lançávamos a rede, chegou a haver os ?“bojos/boijos”? que chamava, e depois começou os tratores, depois ??raladores/lavradores??, a gente só a escolher os peixes da praia nos balneários... apanhava-se carapaus, fanecas, sardinhas...

Senhora 2 - a minha mãe, por exemplo, digo a minha mãe mas havia muitas como ela por aqui, ia com uma bacia ou como fosse, punha-se em cima a pé e traziam batatas, traziam cebolas e isto, para nós comermos, e depois havia esta troca...

Isabela - então tinham muita autonomia?

Senhora 2 - sim,sim, com certeza, era bom, muito bom, agora... eu gosto da minha casa, tenho melhores condições e tudo, mas sinto aquele vazio... as pessoas já não saem à rua, um vazio ali... eu tenho um filho que mora ali, fez agora 32, ele tinha um gatinho já há anos com a companheira, o gato morreu e ele veio, a chorar os dois, e foi enterrar aonde nós vivíamos; ele disse “oh mãe, meu povo tinha que ir para lá...” mesmo a eles custa não viver lá, porque também foram criados lá...

ENTREVISTA FEITA PELAS MINHAS COLEGAS DE GRUPO (Isabela Coutinho e Margarida Silva) À DOIS PESCADORES DA REGIÃO.

MARGARIDA: Como é que funciona, e como é que o espaço de um armazém deve ser?

SR. VITOR: Ora bem, isto do armazém, é que eu estou a tentar arranjar um armazém para o telmo também o armazém.

SR. TELMO: Boa tarde.

SR. VITOR: Olha ali uma cadeirinha.

SR. VITOR: Ora, aqui a menina, olha para aqui.

SR. VITOR: Ora, portanto, a menina está a perguntar. Os armazéns, qual é a melhor maneira de aprechos para a pesca? Como é os armazéns, não é, como deveriam de ser feitos? Como haviam de ser feito e essas coisas todas.

MARGARIDA: Sim, sim.

SR. VITOR: Primeiro de tudo, acho que a parte mais fundamental, mesmo que seja preciso, era os quartos de banho, que isso é a gente... nos armazéis

SR. TELMO: E depois... Isso é indispensável, não é? Claro.

Sr Vitor: E depois, já estou em relação à... Às artes de pesca, tudo depende de cada arte, cada pesca, há várias, temos esta aqui, temos outros turmalhos que é covarco, mas é... como é que chama o quê? Essa arte, como é que chama? Temos arte-xávega e para ter essa, não é artesanal?

SR. TELMO: É pesca artesanal.

SR. VITOR: E depois tem arte-xávega, todas elas são diferentes, mesmo no material.Por exemplo, a Arte xávega já requer tratores.

SR. TELMO: Tratores, no mínimo quatro, que dá a lei.

SR. VITOR: Cordas grossas, redes que não têm nada a ver com estas, que a gente chama-lhe uma rede de fio daquela rose e nylon. Portanto, são materiais diferentes de umas de cada outra.

Margarida: Ou seja, o espaço vai variar de acordo com o tipo de que cada arte necessita é isso?

SR VITOR: Exatamente, com o tipo de arte.

MARGARIDA: Por exemplo, aqui em Esmoriz, qual é a arte que predomina mais? É a Arte Xávega, também tem arte de desportiva, e pesca artesanal?

SR. TELMO: Neste momento, neste momento, para dizer a verdade, a Arte Xávega está um bocadinho parada.

SR. TELMO: A única que se tem é um barco.

SR. VITOR: Sabes que ele tem uma Arte Xávega? Aquele barco é dele.

MARGARIDA: Ah, é aquele barco é seu, Sr Telmo.

SR. TELMO: É, é, é, é. E tem o barquinho, com estrumalhos da pesca artesanal

SR. VITOR: Ele tem as três artes, ele tem todas as três, eu só tenho esta, já tive uma que era artesanal, já vendi o barco, porque tenho só por esta, mas neste caso o armazém, neste caso para ele, para ele e para o Nando, não tem a mesma coisa, já que era as três artes, portanto os armazéns tem que ser maiores e divididos. Para cada arte, uma divisória.

MARGARIDA: Por exemplo, este espaço, deveria ser o dobro para a Arte Xávega?

Sr.Vitor: Muito mais! Maiores.

SR. VITOR: Infelizmente, por não ter armazém, não está a trabalhar.

SR. TELMO: O trator ele está a trabalhar, mas está completamente podre, por não ter armazém para guardar-lo.

SR. VITOR: E na um bocado estava a dizer amanhã.

SR. TELMO: E agora é assim, o meu filho já queria comprar outro, mas é que eu vou comprar o trator, para acontecer o que aconteceu hoje, para apodrecer, não fala o tempo.

SR. VITOR: Eu amanhã vou conversar com Salvador.

SR. VITOR: Eu amanhã vou lá falar, por causa dos armazéns.

SR. TELMO: O apoio já é há muito ano.

SR. TELMO: Não há nada, não estejas a falar isto.

SR. VITOR: Ouve, ouve, ouve.

SR. TELMO: O apoio já é há muito ano.

SR. TELMO: A nossa Câmara é que nunca quis saber apresentar os projetos.

SR. TELMO: Também vinha para aqui.

...

MARGARIDA: Pois, eu queria agora perceber como é que vocês organizam um espaço e que tipo de espaço vocês precisam para perceber, para corresponder às vossas necessidades.

SR. TELMO: Para as nossas necessidades, vocês conhecem muito bem os armazéns que existem na Praia da Torreira.

MARGARIDA: Da Torreira?

SR. VITOR: Sim.

SR. VITOR: Já foi lá?

SR. VITOR: Por acaso já lá estive, já trabalhei naquelas companhias, conheço bem aquilo.

SR. VITOR: E nós até estávamos a pensar fazer igual, igual não, parecido.

SR. VITOR: E então estávamos com a ideia de fazer daqui.

SR. VITOR: O lugar de um ali dava dois.

SR. VITOR: Dava dois, exatamente.

...

SR. TELMO: Mas é assim, repara bem, supomos que eu e outros, coloca os quatro tratores no armazém. A parte de baixo fica praticamente logo cheia.

SR. TELMO: A parte de cima é para guardar apetrejos.

SR. VITOR: Sim, eu concordo com isso, mas neste momento ele não está a precisar de nada disso.

SR. TELMO: Eu conheço ox armazéns da torreira.

SR. VITOR: Trabalhei lá há nove anos.

SR. VITOR: E então, eles cabiam muito bem, os quatro, uns bons quartos de banho, atenção. Boas casas de banho, boa cozinha. Boa cozinha, dependente, mas tinha uma boa cozinha.

MARGARIDA: Então, cada armazém teria de ter uma kitchenette , ou era cozinha comunitária?

SR. TELMO: Não, não, para nós aqui, para nós aqui, as casas de banho, era essencial.

SR. VITOR: Para nós aqui, as casas de banho. Nós trabalhamos aqui à beira da nossa casa.

SR. TELMO: Então, para almoçarem, almoçam lá.

SR. TELMO: Como vou ao mar à tarde, está a perceber?

SR. TELMO: E tem que criar para nós aquilo que precisávamos.

SR. TELMO: Nós queríamos casas de banho e espaço para guardar material.

SR. VITOR: E esse espaço que já dava para guardar o material da Redes, por exemplo, que é que era enorme.

SR. TELMO: Já dava para multa arrecadação. Mas a cozinha está fora do armazenamento.

SR. VITOR: Não, não, não, está dentro. Ele é que faz a marquise.

SR. VITOR: Onde tem os frigorifos e tudo é onde está a cozinha. Os armários e tudo.

SR. TELMO: E a ideia é a marquise que ele fez, que era aquele coelho de terreiro que ele vinha para lavar.

SR. VITOR: Onde está a cozinha, onde tem os frigóricos e tudo. E onde a gente come e aproveitámos e fazemos o fogo, que a por causa disso não dá o cheiro e faço ao ar livre, mas vamos a uma coisa, aquilo é enorme, o armazém é enorme, eu não comprei os metros, mas é comprimento, sim, não, mas é grande.

SR. TELMO: Sim, é o que deve estar.

SR. VITOR: Aquilo é grande.

SR. VITOR: Nunca me deu para medir, mas sei que aquilo é grande.

SR. VITOR: E tem de largura... A largura até para L18.

SR. TELMO: Para L18 é grande.

SR. TELMO: Isto eu vou meter o olho só, só vou meter o olho.

SR. TELMO: Tem para L18 de comprimento por L18.

...

SR. VITOR: Ora bem, é isso que agora acabámos de falar, os apretechos, o que os armazéns precisam. E é um bocadinho também... para botar uma ferramenta, às vezes uma chave de fendas e aquelas coisas todas. Não é só de pesca, mas faz de conta que seja. Uma avaria de um trator ou um motor do barco, às vezes umas velas ou coisas assim parecidas. São coisas que são muito importantes no armazém.

SR. TELMO: Um espaço para guardar as ferramentas.

MARGARIDA: Então vocês utilizam a parte de cima, o piso de cima para armazéns?

SR. VITOR: Para armazenar redes. Eles utilizam.

SR. TELMO: Nós não utilizamos nada porque não temos nada.

SR. VITOR: Não temos nada, porque aquilo é assim, ouve, aquilo é assim.

SR. VITOR: Eu sou dessa... Prefiro ser mais comprido e... Sim, sim, e baixo, e baixo do que... Normalmente cada ar, sabe que eu tenho 5 redes.

SR. TELMO: Neste momento é que são 5 redes que eu tenho.

SR. VITOR: A gente está lá com 5 redes para lá para cima,... E não só. Os atrelados. Os atrelados vem da rede e vai logo para cima do atrelado. E arruma-se logo para o atrelado. Não é assim, mas é como se fosse assim. É maior. Mas pronto, conforme está aquele, está arrumado.

ISABELA COUTINHO: Está o atrelado e está a rede.

SR. VITOR: Está duas coisas arrumadas numa coisa só. Estás a entender? Por isso é que eu digo, não era conveniente fazer... Em altura, mas incompreendente. Comprido, estás a perceber? Estás a perceber o que eu quero dizer?

SR. TELMO: O cumprimento que eu tenho, mete o trator e não mete mais nada. Se for mais cumprido, já mete o trator e o outro lado.

SR. VITOR: Mete as duas coisas. É uma das coisas muito importantes. É porque eles têm em pouco espaço...

MARGARIDA: Tem que ter uma altura...

SR. TELMO: Mas só no piso. O pé direito tem que ter algum suficiente para colocar trator com cabine.

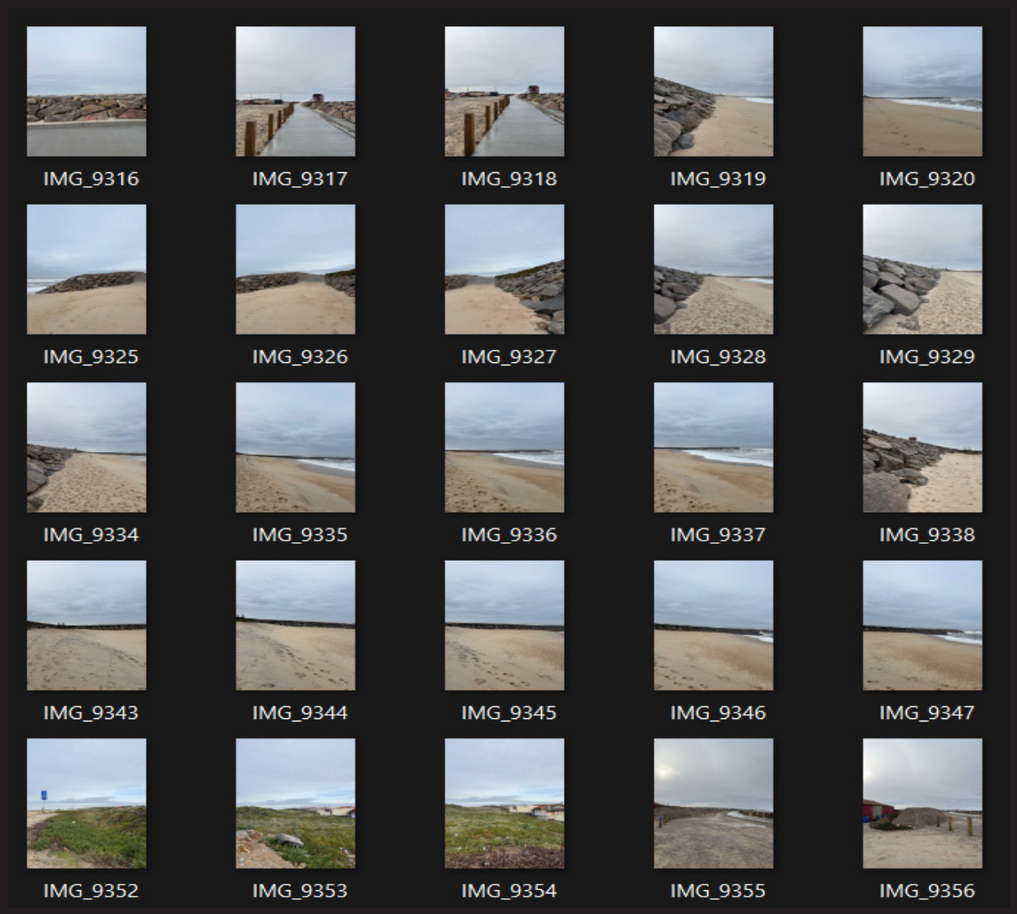
SR. TELMO: O meu não tem cabine, mas puramente não sei, posso ir. Mas o sr da torreira já tem com cabine. Aqui o Fernando já tem com cabine. Tem que ter altura para poder meter o trator lá depois com a cabine.

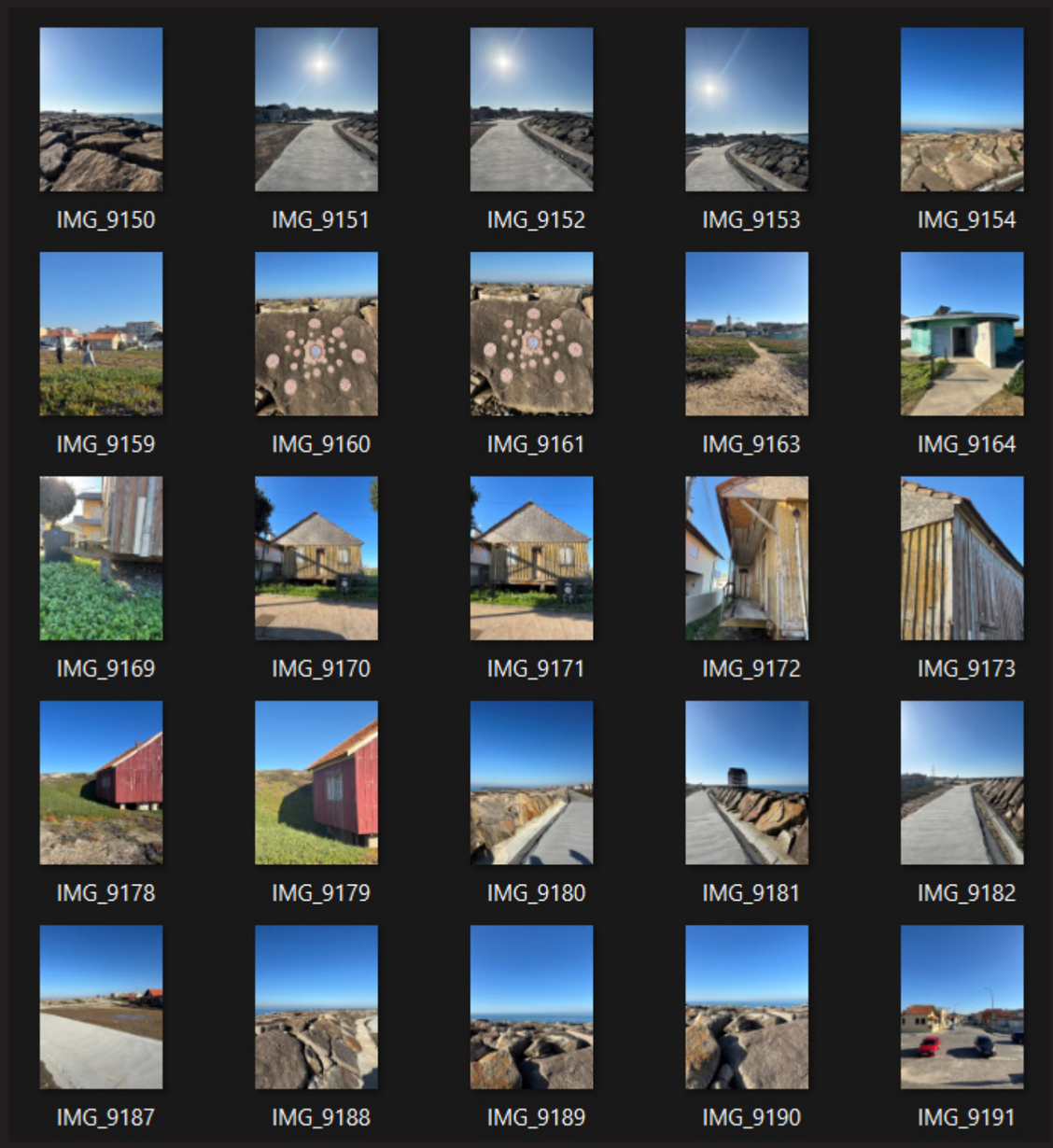
SR. VITOR: Nesta altura, caramba.

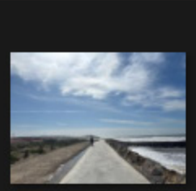
SR. TELMO: Não sei.

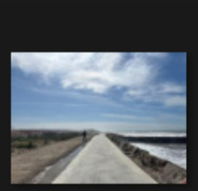
SR. TELMO: Qual é a altura de lei para um caminhão, por exemplo. É o qual o cabine tem. Isso vai depender de caminhão para caminhão, mas... A altura máxima que se pode utilizar é andar na via pública. São 4 metros, não é? 4 metros. É mais ou menos isso, é 4 metros.

IMAGENS VISITA DE CAMPO REALIZADAS PELA AUTORA



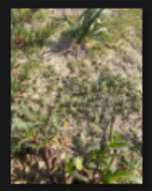



IMG_171


IMG_172


IMG_173

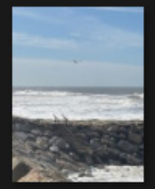

IMG_174

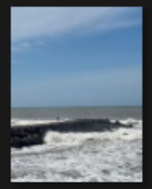

IMG_175


IMG_180


IMG_181

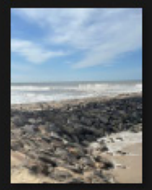

IMG_182


IMG_183


IMG_184


IMG_189

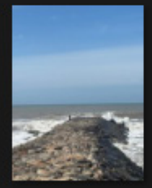

IMG_190

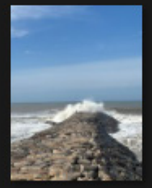

IMG_191

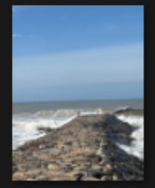

IMG_192

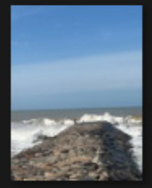

IMG_193

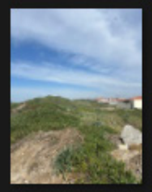

IMG_198


IMG_199


IMG_200


IMG_201


IMG_202


IMG_207


IMG_208

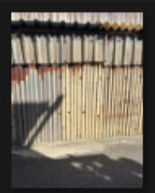

IMG_209

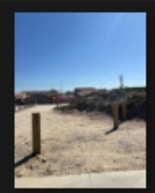

IMG_210


IMG_211

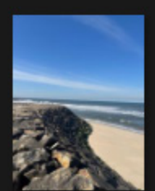

IMG_251

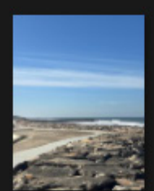

IMG_252

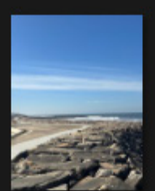

IMG_253

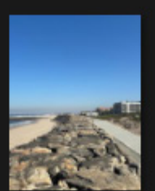

IMG_254

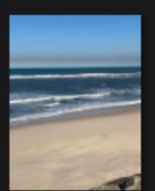

IMG_255

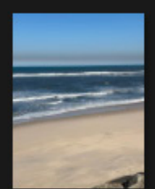

IMG_220


IMG_221


IMG_223


IMG_224

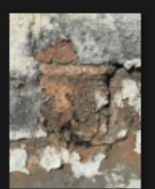

IMG_225


IMG_226


IMG_227


IMG_228


IMG_229


IMG_230

IMG_231

IMG_232

IMG_233

IMG_234

IMG_235

IMG_236

IMG_237

IMG_238

IMG_239

IMG_240

IMG_241

IMG_242

IMG_243

IMG_244

IMG_245

IMG_246

IMG_247

IMG_248

IMG_249

IMG_250